

Sumário

1. DIFICULDADES ATUAIS AO DISCIPULADO	2
1.1. Dificuldades doutrinárias	2
1.1.1. Conflitos quanto à questão do sacerdócio universal	2
1.1.2. Fé versus obras - um empecilho ao discipulado	5
1.1.3. Um conceito simples, mas esquecido: a Igreja!	7
1.2. Dificuldades no processo de discipulado.....	11
1.2.1. Escândalos e divisões internas na igreja	12
1.2.2. Lideranças manipuladoras, autoritárias e abusivas	16
1.2.3. O discipulado como método de crescimento de igreja	23
1.2.4. O discipulado e as tensões com a liderança da igreja	27
1.2.5. A falta de poder e autoridade dos discípulos atuais e suas igrejas	30
1.2.6. A falta de cuidado para com os novos convertidos	40
1.2.7. Discipulado não é coaching	44
Afinal, para que serve o Coaching em empresas?.....	46
1.3. Pressões contemporâneas contra um discipulado efetivo	49
1.3.1. A perigosa necessidade de responder apenas às demandas atuais.....	50
1.3.2. O perigo constante da relevância	51
1.3.3. A espiritualidade atual não contempla o sacrifício e a obediência	53
1.3.4. A sedução da vida moderna e a secularização da vida cristã	57
1.3.5. A virtualização dos relacionamentos e a igreja digitalizada	58



1. DIFICULDADES ATUAIS AO DISCIPULADO

A seguir levantamos uma série de dificuldades a serem levadas em consideração quando tratamos das dificuldades de formação de novos discípulos. Muitas delas já foram citadas de passagem em momentos anteriores deste texto.

Dividiremos a nossa discussão em pelo menos três áreas diferentes. A primeira tratará de dificuldades de natureza doutrinária e de conhecimento bíblico, ou seja, parte da problemática se explica pela incompreensão da natureza da igreja e do conhecimento bíblico que mostra o caminho desejado por Jesus para seu povo. O segundo ponto diz respeito a questões das dificuldades impostas pelo próprio processo de discipulado. E, finalmente as pressões contemporâneas que ditam a agenda de cristãos do mundo inteiro e modificam consideravelmente a forma como enxergamos o Evangelho e nossas relações dentro do corpo de Cristo. Vemos, por exemplo, que com as igrejas se tornando verdadeiros impérios, donas de grandes templos, patrimônio, redes de televisão e rádio, gravadoras e associações, é cada vez mais comum desejar que a direção da igreja se torne um patrimônio familiar gerido por filhos e parentes dos fundadores, gerando distorções cada vez maiores na sequência do evangelho naquele lugar.

1.1. Dificuldades doutrinárias

1.1.1. Conflitos quanto à questão do sacerdócio universal

Uma das grandes mudanças de paradigmas trazidas pela religiosidade cristã ao contexto do judaísmo do primeiro século foi a importância do ministério leigo e da inclusão de todo crente ao sacerdócio. Ao contrário do que parece a muitos, não foi uma doutrina ou entendimento definido pela Reforma Protestante, ao invés disto, a Reforma desempenhou o papel de reviver este princípio bíblico defendido pelos por Cristo e pelos apóstolos. A crise gerada pela inclusão dos discípulos gentios e judeus leigos no início da era apostólica atesta as resistências comuns dos sacerdotes instituídos e membros do *status quo convertidos ao cristianismo, que eram membros da liderança da igreja de Jerusalém e judaizantes*, resistentes a disseminação do conhecimento e da prática religiosa cristã independente. Alguns



intérpretes e estudiosos do NT e dos movimentos religiosos e políticos do primeiro século afirmam que isto era a causa de um grande cisma da igreja do primeiro século e que lá já existiam tensões tais que justificariam a afirmação de que já existiam, ou coexistiam, versões diferentes do cristianismo (um jerusolomitano, outro antioqueano, outro da Ásia menor, etc.). Alguns dos apóstolos, como aqueles da parte de Tiago, foram resistentes a estas mudanças, mas diante do testemunho de homens como o apóstolo Paulo, Barnabé e do próprio apóstolo Pedro, recuaram diante das negativas. Infelizmente, voltamos a viver em nossos tempos a inversão deste valor primordial do cristianismo.

É comum o relato de que não mais do que 20 ou 30% dos membros arrolados em nossas igrejas é participante ativo de ministério estendendo suas ações para além do templo e divulgando a mensagem do Evangelho. Alguns diriam estes números ainda são muito otimistas. Além da centralização e do elitismo das lideranças, temos o fator secularização, que veremos com mais detalhes logo à frente (8.3.4) aprofundando este abismo que nos separa de um verdadeiro sacerdócio universal dos crentes. As raízes deste problema são bíblico-históricas, bíblico-teológicas e culturais.

As questões bíblico-históricas remontam o período apostólico diante da negativa para a inclusão dos gentios, mas que felizmente vingou por meio de Paulo e Barnabé. Perpassam o período de oficialização do cristianismo no Império Romano uma vez que neste período o sacerdócio foi impulsionado pelo elitismo resultante desta oficialização. Passa pela supervalorização do sacerdócio por Carlos Magno que reforçou ainda mais o papado como figura importante nas decisões do Império em assuntos de toda natureza: econômica, militar, social, religiosa, etc. O período da Reforma Protestante foi marcado como um movimento que, entre tantas coisas, procurou eliminar as distâncias entre o clero e o povo, entre os sacerdotes e os fiéis, uma vez que estas figuras não deveriam, de forma alguma, isolarem-se um do outro e formarem castas dentro do próprio cristianismo. A Reforma Protestante é o movimento que procura implodir tais barreiras. Igrejas e grupos originários da Reforma Protestante, ou ainda grupos identificados com suas ideias, ou mesmo movimentos relacionados com a Reforma por meio das doutrinas e do conhecimento



da história deste movimento, ensinam e de alguma forma procuram exercer o sacerdócio universal dos crentes, incentivando a participação dos crentes na igreja e nas decisões do Reino, usando seus dons e reconhecendo e ocupando o seu espaço.

As raízes bíblico-teológicas se dão pela falta de uma boa exegese do texto e da falta de conhecimento e de contato do povo com as Escrituras, já que nem mesmo o *livre acesso às Escrituras* gera, como deveria ser, o *livre exame* das mesmas. É o que muitos têm chamado de analfabetismo bíblico. Nos últimos anos temos assistido, em virtude dos 500 anos da Reforma Protestante e do crescimento dos defensores e propagadores das doutrinas reformadas, o aumento no número de congressos, palestras, canais no You Tube, de tradução e lançamento de livros vem português, certo alento neste analfabetismo bíblico, mas a massa evangélica brasileira passa ao largo de tudo isto. A massa evangélica brasileira é composta de membros de igrejas episcopais de mídia com pouco ou nenhum interesse no ensino e aprendizado bíblico. As igrejas históricas, na contra mão de suas tradições, tem abolido o ensino bíblico semanal ou buscado desesperadamente meios de superar este lapso. O fim da Escola Bíblica Dominical em muitas igrejas é um dos sintomas disto. O tempo reduzido da pregação nos púlpitos, reforçada pela pouca profundidade da interpretação e aplicação das verdades divinas, já que a música tem tomado o lugar quase pleno dos cultos, é outra manifestação desta anomalia.

As raízes culturais, e falamos de nosso Brasil, remontam nossa colonização e nossas matrizes católicas e africanas repletas e condicionadas em todos os sentidos por padres e curandeiros, estes últimos de origem das nossas matrizes africanas, sendo detentores do poder religioso e da interpretação religiosa da vontade de Deus (ou dos deuses e santos), passando pela inversão neopentecostal com seus pastores, bispos e *apóstolos* poderosos que se colocam como porta-vozes da vontade de Deus e inibem qualquer reflexão particular, independente, profunda e até mesmo verdadeira. Em outras palavras, sofremos de duas fortes influências negativas entrelaçadas: a atitude anti-intelectual e a dependência de um líder, clero ou porta-voz de Deus que valide a vida religiosa e a guie. Mesmo aqueles que por diversos motivos escolhem igrejas tracionais históricas fortemente ligadas à Reforma



e ao conceito do sacerdócio universal dos crentes ainda lutam contra o forte clericalismo e dependência de líderes para guiarem suas vidas.

Testemunhamos várias versões e visões da forma como a igreja deve operar, tentando com estes esforços a maior participação dos crentes no dia a dia da igreja, mas vemos também tais movimentos redundantemente caindo no mesmo erro centralizador e inibidor das ações individuais e centralizadoras de suas lideranças. Motivo pelo qual, em parte, os desigrejados justificam sua desinstitucionalização, já que este modelo é uma espécie limitadora do crescimento individual e marca a administração da igreja e de suas ações. Por outro lado, ainda que negativamente, é um porto seguro para aqueles que não querem se envolver.

1.1.2. Fé versus obras - um empecilho ao discipulado

Quando tratamos do discipulado, a questão da relação entre fé e obras, entre ser e servir são tensões que devem ser resolvidas. Este é um conflito que começa fortemente pela Teologia. Durante a Reforma Protestante, Lutero, o grande Reformador, chegou a considerar que a Carta de Tiago era uma "epístola de palha" por parecer afirmar que o crente era justificado diante de Deus por suas boas obras.

A solução que nos parece mais simples, mas também verdadeira, é a de que na Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo trata da justificação do pecador diante de Deus por meio da fé. Tomando como exemplo Abraão, Paulo mostra que todos aqueles que se aproximam de Deus precisam demonstrar fé e assim são justificados¹. Esta é conhecida como *justificatio peccatore* (justificação do pecador). Quanto a Tiago, ele trata da justificação diante do mundo do crente, ou seja, como mostro ao mundo que sou crente? Por meio da prática das boas obras. Podemos afirmar que, para Tiago, a prática das boas-obras é o claro sinal de que alguém foi justificado pela fé. Esta é conhecida como *justificativo justus* (justificação do crente).

A matriz católica brasileira, que afirma que a salvação vem pelas obras e pela filiação à igreja, é também um empecilho a esta questão, já que ser protestante no

¹ A Doutrina Reformada afirma que a regeneração precede a fé. A doutrina arminiana afirma que a fé antecede a regeneração.



Brasil ainda tem um forte apelo anticatólico, levando a negação das obras como fundamental à prática cristã.

Jesus afirma a necessidade das boas obras em Mateus 5.16 quando disse: assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus. Foi a forma de afirmar como o brilho da vida daqueles que temem e andam com Jesus refletem vidas que glorificam a Deus. Em Efésios 2.10 onde está escrito: "Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos" é a vez do apóstolo Paulo afirmar que as boas obras foram criadas por Deus como um caminho pelo qual os crentes devem andar.

De fato, o entendimento da necessidade de ambas as doutrinas, aliada a uma postura que se importe mais com a verdade do que em fazer oposição às outras doutrinas e denominações, parece uma atitude mais viável.

Muitas são as oportunidades de servir e muitas são as necessidades neste mundo. As obras conforme Jesus em Mateus 25.31-36 são elementos importantes do nosso julgamento e salvação. Aqueles que são de Cristo o servem quando servem aos outros. Lembremo-nos da passagem:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram'. Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar? O Rei responderá: Digo-lhes a verdade: `o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'. Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo



e preso, e vocês não me visitaram'. Eles também responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos? Ele responderá: 'Digo-lhes a verdade: o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazer. Estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a Vida Eterna.

Tiago igualmente exige que os crentes sejam atentos às necessidades à sua volta em 2.14-17:

De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: "Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se", sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.

A fé, enquanto conhecimento doutrinário, ou mesmo enquanto aquela que leva à justificação, só é verdadeira quando produz frutos. As obras são o caminho pelo qual os crentes andam.

As palavras de Jesus nos lembram dos famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos e presos. É importante voltar ao AT para recordar das leis e regras estabelecidas ainda no deserto para o povo hebreu. Cuidado com as viúvas, pobres, órfãos e estrangeiros, não poderia haver injustiça e necessitados em Israel e os israelitas eram diretamente responsáveis por isto (Ex 22.20-24). De igual modo, como já vimos, estes valores são reforçados no NT como responsabilidade direta dos discípulos².

1.1.3. Um conceito simples, mas esquecido: a Igreja!

A igreja foi instituída por Cristo e ele lançou seus primeiros fundamentos. Afirmou que a igreja é cum corpo do qual Ele é a cabeça, que é uma instituição com planos,

² Uma nota pessoal. Minha formação se deu em ambiente de tradição católica por parte de mãe, e por parte de pai espírita. Cresci em um ambiente no qual doar, agir em função das necessidades de alguém era comum. O apoio à familiares em situação difícil era sempre uma obrigação pronta e urgente. Os católicos entendem distorcidamente a Bíblia e ensinam que a salvação se dá pelas obras. No espiritismo as boas obras são a própria expressão da religião. Em parte, como protestantes, nos escondemos atrás de uma falsa defesa doutrinária e do bom senso bíblico, cristão e teológico, negando a necessidade de que as obras ocupem papel tão importante em nossas vidas. Isto pode ser tão intenso a ponto de que as boas obras sejam negadas plenamente.



projetos e presença definida no mundo, e que também confronta os poderes das trevas.

Há um intenso debate sobre o que é a igreja: um organismo ou uma organização? E há defensores ferrenhos de ambos os lados. Considero que a discussão é proveitosa no sentido de promover o entendimento quanto a complexidade deste órgão/organização que não pode ser simplesmente reduzido a um ou outro conceito simplesmente.

O que seria proveitoso nesta discussão é a avaliação do que cada igreja local, e do que cada denominação pode perder ao negar um ou outro aspecto. Ou seja, quando a igreja ou a denominação se perde quando nega um dos aspectos.

Por um lado a igreja pode se profissionalizar e assumir aspectos cada vez mais fortes de uma organização e assim se colocar como uma luz a brilhar na comunidade e por meio disto ampliar o diálogo e sua influência no mundo. Com isto pode servir à comunidade em aspectos que lhe são característicos e atender necessidades reais. Internamente ela pode desenvolver melhor os seus processos e servir melhor a si mesma e colher frutos de forma mais significativa. Quanto maior uma comunidade maior a necessidade de organização e até mesmo de profissionalização. Uma igreja demanda serviços que carecem de profissionalização dependendo de seu tamanho como limpeza, segurança, manutenção predial, contabilidade, secretaria, etc., mas este aspecto pode ser voltar também para as relações da igreja com outras instituições e com outras demandas seculares, é o que vimos inicialmente com o movimento que mais tarde receberia o nome de liberalismo.

A intenção original, que em muitos aspectos ainda está presente, é tentar o ponto encontrar os pontos de contato e diálogo com o mundo. A ciência do século XIX representava um sério desafio para a Bíblia e para a Teologia. Era muito difícil de sustentar-se diante do crescimento do cientificismo e da necessidade crescente do homem de explicar tudo por meio da razão e da comprovação laboratorial, resultado de séculos de racionalismo, empirismo e iluminismo. Alguns conceitos



como inerrância e infalibilidade das Escrituras, nascimento virginal de Cristo, a Sua ressurreição e milagres, precisavam ficar fora da discussão para que este *ponto de contato* fosse possível. Era preciso defender a fé cristã apenas racionalmente. Esta empreitada tem limites muito claros porque, necessariamente, a inerrância e infalibilidade das Escrituras, o nascimento virginal de Cristo, a Sua ressurreição e os milagres narrados na Bíblia sempre surgem em algum ponto do debate porque são necessários à discussão e fundamentos importantes da fé cristã.

O fundamentalismo, nome muito usado hoje em dia, surge no primeiro momento para afirmar que não é possível colocar de lado qualquer um destes fundamentos na discussão como o mundo e com a ciência. Nenhum destes aspectos pode ser negado quando falamos da igreja como uma instituição: a necessidade da sua organização interna e de suas demandas externas e a necessidade de interagir com sua realidade do entorno. Os crentes devem estar conscientes disto e igualmente prontos a servir nestas instâncias. Neste momento é que profissionais das mais variadas áreas podem ser úteis a funcionalidade da igreja e, com isto, desenvolverem seus papéis como discípulos porque em última instância estarão servindo o Reino de Deus. Queremos, neste aspecto, chamar a atenção para mais um detalhe importante. Todos que invocam a igreja apenas como um organismo e não como organização devem imaginar que, qualquer grupo humano deve em algum momento necessitar de organização e de regras que possam determinar suas relações, assim como as restrições, punições e outras sanções para aqueles que pervertem o convívio.

Além disto, é claro, mesmo quando não há atritos, é necessário que os procedimentos internos e externos sejam regulamentados e organizados. E isto também é servir a Deus. O que não pode acontecer, por outro lado, é que a igreja dinamize suas relações internas e viver em plena comunhão sem com isto cumprir seu chamado para fora, seja ele o de pregar o Evangelho, seja ele o de cumprir suas obrigações constitucionais, cívicas e legais, seja ele interagir com a mentalidade contemporânea. A igreja pode e deve ser organizada, deve cumprir as regras governamentais e ser irrepreensível em seus deveres cívicos, mas nunca ao custo de frieza interna e desinteresse espiritual.



A igreja surge como uma assembleia, com um grupo reunido com propósito específico e em torno de uma causa comum. No tempo apostólico era dinâmica e fluída. Pouco tempo depois, ainda durante o período apostólico, foi necessário organizar a distribuição de alimentos para as viúvas de fala grega (At 6) e logo convocaram um concílio para discutir a entrada e as obrigações dos gentios na igreja (At 15).

O organismo exigia organização. Líderes foram instituídos e a tarefa de cada igreja era determinada, também, por seus desafios mais próximos já que cada cidade tinha suas características assim com internamente a igreja dispuhas de pessoas muitos diferentes umas das outras. O termo *ecclesia*, traduzido por igreja, é comumente conhecido e interpretado como *chamados para fora*. Originalmente era o nome da principal assembleia democrática ateniense da Grécia Antiga. O significado ganha novas conotações com o tempo podendo ser hoje em dia uma referência ao tempo. Ou seja, quando alguém diz: vamos à igreja, se pode estar se referindo ao prédio, endereço, construção, templo e não necessariamente à reunião de pessoas específicas. Para muitos, o significado desta expressão pode apontar para a necessidade de que não haja templos e que toda a dinâmica da igreja seja externa, sem paredes, sem limitações espaciais ou geográficas.

É teologicamente correto afirmar que os crentes foram chamados para fora de um mundo pecaminoso, mas não temos indicações no NT que nos autorizem a dizer que a *ecclesia* seja mais do que um grupo reunido em torno de um propósito comum e é muito difícil afirmar que o termo tinha qualquer outra significação nos tempos do NT. Guardados estes cuidados e afirmações, não podemos negar que a igreja é um órgão vivo, dinâmico e atuante. Não podemos negar que a igreja pode agir de forma extraordinária, sobrenatural, fluída, rápida, envolvente, misteriosa, etc. Tudo isto está implícito em sua natureza, ou seja, como uma instituição divina e guiada pelo Espírito, ele nunca pode estar presa e limitada à vontade humana, às regras deste mundo e nem mesmo inibida em suas ações que sejam contrárias ao espírito do tempo que vive. As igrejas do NT e da história exemplificam isto muito bem.



O modo como muitas igrejas nasceram, em meio a perseguições e muitas de forma não programada, a presença do Espírito Santo, a disponibilidade de doar, amar e servir, a prontidão em dar respostas a desafios urgentes são algumas características de muitas daquelas igrejas e de muitas delas ainda hoje. O discípulo deve ter esta compreensão, já que não foi chamado apenas para seguir uma estrutura, mas para estar também habilitado aos desafios que surgem.

Como parte destes desafios para a igreja de hoje podemos destacar a questão da evangelização e dos desafios sociais de cada igreja onde esta se situa. É comum nos cursos de teologia, seminários e cursos de missiologia o destaque para as missões urbanas. Os grandes centros urbanos já existiam e eram um grande desafio para a igreja do primeiro século, mas nada se compara aos desafios urbanos de hoje. O número de metrópoles do mundo ultrapassa 5.000, ou seja, cidades com mais de 5 milhões de habitantes. Estão em todos os cinco continentes. Grandes centros urbanos abrigam variados grupos étnicos, sociais, políticos, etc., como se um pedaço de todas as partes de planeta se abrigassem em um só lugar. Isto é um desafio por si mesmo. Grandes centros urbanos abrigam riqueza, pobreza, violência, drogas, marginalizados, marginais, etc. Igrejas em grandes centros urbanos têm desafios particulares já que lida com diferentes mentalidades e desafios espirituais e sociais muito complexos. Investir em pesquisa e treinamento, não se inibir diante de um desafio tão colossal, são tarefas para a igreja contemporânea e os discípulos de Cristo. Um mundo diferente exige um tipo de igreja e discípulo diferente. A igreja sempre agiu e sempre reagiu de acordo com os desafios impostos, mas tendo no foco sempre o mesmo objetivo: pregar a Cristo e a vinda do seu Reino.

1.2. Dificuldades no processo de discipulado³

Os termos que levantamos e que definem o discipulado, além dos exemplos bíblicos, sobretudo da relação dos discípulos com Jesus seriam suficientes para apresentar as dificuldades que o discipulado naturalmente impõe. No entanto, dada a dinâmica não apenas da igreja, mas do mundo ao qual ela se opõe, exigem uma

³ Este pensamento pode ser tornar facilmente um argumento circular.



atualização dos problemas ou um destaque especial dos velhos problemas com cores e tons novos.

1.2.1. Escândalos e divisões internas na igreja

Historicamente os cristãos sofreram diversos rachas internos e externos. Os internos dizem respeito às divisões dentro da própria igreja, os externos dizem respeito àqueles que vieram como produto de perseguição e devido a mudanças externas provocadas por governos e mudanças de lei, entre outras formas.

Vimos que os discípulos às vezes disputavam entre si a respeito do poder de cada um e mesmo de sua condição quando viesse o Reino de Deus. Vimos a tensão entre os discípulos judeus e os discípulos gentios. Temos o caso de Ananias e Safira e o problema que preteria as viúvas de fala grega do alimento diário. Os apóstolos convocaram um concílio para discutir a tensão que gerou a entrada dos gentios na igreja.

A igreja pós-apostólica se viu lutando contra Roma tentando provar que não era um grupo revoltoso contra Roma, que não eram pregadores de novidades descabidas e que persegui-los não se justificava. A igreja constantinopolitana não assistiu grande perseguição, mas lutou contra heresias e a corrupção de uma igreja guiada por pessoas nem sempre cristãs, mas interessadas em favores imperiais. A igreja carolíngia viu a tensão entre o governo do império e o poder eclesiástico ingerindo sobre a igreja. A igreja das Cruzadas lutou contra um falso zelo e a tensão com o islamismo.

A Reforma em si foi um grande cisma da igreja católica sobre vários aspectos: bíblico, doutrinário, organizacional, social e político. Nem mesmo a Reforma foi um movimento uniforme e sua variedade não se deu apenas por questões geográficas, com várias de suas próprias manifestações em países diferentes, mas em desacordos dentro do próprio movimento.

Várias teologias surgiram no final do século XIX e início do século XX. O pentecostalismo, produto deste tempo, surge como um movimento muito forte que



creceria rapidamente, mas que marcaria mais um cisma dentro do protestantismo. Hoje sabemos que nem mesmo o pentecostalismo é uniforme.

O Brasil assistiu pelo menos três ondas do pentecostalismo. O neopentecostalismo, que marca a terceira onda, passa por momentos de redefinições e novas divisões. Nem sempre as questões bíblicas e doutrinárias estão envolvidas, mas podem incluir conflitos de poder, disputas por espaço e por fiéis.

A manutenção da saúde interna da igreja, seja em questões doutrinárias seja em questões de unidade e comunhão, é um desafio muito grande. As histórias de igrejas divididas se multiplicam dentro e fora de denominações históricas e mesmo em denominações contemporâneas maiores ou menores. Nem sempre o motivo da divisão é claro e identificável. Questões de disputas de poder invariavelmente estão envolvidas.

Há, dentro das igrejas, assuntos de difícil debate como aqueles que envolvem dinheiro, prestígio e liderança. Conhecemos histórias de lutas internas na igreja por causa da aquisição de imóveis, da cor da pintura das paredes, por causa de liturgia, por questões de usos e costumes como aqueles que envolvem o uso de roupas e certos tipos de acessórios. De modo geral, muitas igrejas têm estes detalhes definidos, mas isto não elimina necessariamente todos os problemas e divergências.

Jesus advertiu seus discípulos quanto aos escândalos em Lucas 17.1-3:

E disse aos discípulos: É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem! Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atáfona, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos. Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o e, se ele se arrepender, perdoa-lhe.

Os escândalos estão ligados aos tropeços. Escandalizar é sinônimo de colocar pedras de tropeço no caminho das pessoas, fazendo com que elas caiam e se machuquem. Pecados na igreja podem assumir uma dimensão destruidora e avassaladora na vida da igreja e de pessoas. Por isto, a santidade da igreja e seu bom funcionamento devem ser preservados a todo custo.



Vivenciei situações muito complicadas e testemunhei muitas outras. A primeira delas se deu por um rombo no caixa da igreja feito pelo tesoureiro ao longo de muitos meses. A descoberta se deu porque algumas contas começaram a não ser pagas. Era um homem realmente crente e comprometido, mas os problemas da vida, aliadas ao excesso de confiança da igreja e falta de supervisão da tesouraria foram suficientes para uma grande queda. Perturbações dentro da igreja, afastamento do tesoureiro que teve grandes perdas pessoais muito significativas, como o próprio emprego, foram algumas das consequências que assisti. O pastor da igreja foi suficientemente forte e maduro para segurar maiores consequências, sobretudo para a igreja, que aprendeu uma bela lição, mas da pior forma possível.

Na década de 90 assistimos dois escândalos avassaladores. Um internacional e outro nacional, envolvendo duas figuras importantes para a pregação do Evangelho: Jimmy Swaggart⁴ e Caio Fábio D'Araújo Filho. Escândalos envolvendo adultério e sexo. Além das tensões internas, divergências, falatórios, entrevistas, artigos de revista e jornal, temos inúmeras pessoas ligadas a estes homens e ministérios que sofreram muito. Os inimigos, opositores e críticos destes homens, sejam eles de dentro do de fora dos círculos evangélicos, tiveram material farto para, justa ou injustamente, explorar o escândalo, seja para ensinar, seja para destruir, seja para tripudiar.

Já acompanhei de perto igrejas se dividindo, divididas e tentando se recuperar. Em um dos casos, após a divisão, é nítida a tristeza, desesperança e vazio espiritual daqueles que permanecem e, muito raramente, as igrejas se recuperam dos escândalos. Muitas pessoas se afastam da igreja nestes períodos e poucos retornam. Mesmo entre aqueles que retornam muitos não se envolverão mais da mesma forma que antes.

A igreja nem sempre é composta só de crentes, se é que alguma seja. Há joio e trigo misturado. Isto implica em que as tensões sempre estão presentes porque os

⁴ O escândalo de Jimmy Swaggart abalou tanto os EUA que muitos artista e rock como Ozzy Osbourne e Lou Reed escreveram músicas falando e tripudiando em cima do caso. É difícil escapar desta ironia, escândalo e vergonha quando se é tão popular pregando o Evangelho que, por si só, faz grandes exigências morais.



interesses e a visão espiritual da igreja são variáveis, ou seja, nem todos estão de fato procurando a vontade de Deus e o melhor da igreja. Os escândalos e divisões nem sempre são capazes de purgar os problemas, separando a sujeira do que está limpo, e resquílios de mentira e de verdade se misturam entre pessoas igualmente falsas ou verdadeiras.

Manter-se na igreja após divisões e escândalos é para poucos, principalmente, se pensarmos naqueles que não arrefecerão em sua fé e não desanimarão em seu serviço a Deus e à igreja. O discipulado deve prever e ensinar que tais coisas podem acontecer.

Nosso tempo é tempo de feridas abertas e grandes tensões. O advento das redes sociais exacerbou algo que a humanidade sempre viveu: as polarizações. Nas redes sociais é possível assistir a luta de militantes de esquerda e de direita. De homens e mulheres, de ricos e pobres, de religiosos com outras vertentes da mesma religião, etc. Para muitos há certa vantagem, altruísmo e serviço a Deus nestas divergências. De fato, defender a verdade pode ter como resultado inimizades e tensões.

Autores como Jorge Pinheiro e Marcelo Santos afirmam que, no caso dos batistas, somos de natureza controversa e vocacionados para a intolerância (Pinheiro, Santos: 2012, página 11):

Lá e cá, como dizem os portugueses, más fadas há. Portanto, no Brasil os batistas, de igual modo, escreveram sua história carregando na tinta das controvérsias e das cisões. A reação ao predomínio de missionários norte-americanos, nas décadas de 30 e 40, e a traumática divisão carismática dos anos 60, são dois fortes exemplos dessa nossa, digamos, intolerância com o pluralismo – hoje, sublinhe-se com justiça, já bastante atenuada.

Os autores estão falando, no entanto, apenas dos batistas, e o pano de fundo é o ano de 2012, mas de lá para cá as coisas andam muito mais complicadas e mudando muito. Os batistas ainda continuam se dividindo. Foi organizada em 26 de maio de 2012 a Ordem dos Batistas Clássicos do Brasil⁵ prometendo reorganizar a

⁵ Neste link pode se ler o manifesto dos Pastores Batistas Clássicos do Brasil: <http://procurandoverdadebiblica.blogspot.com.br/2012/05/manifesto-dos-pastores-batistas.html>.



liturgia e recuperar certas doutrinas esquecidas. Em 2017, ano das comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante, no exato dia 31 de outubro, surge a CBRB (Convenção Batista Reformada do Brasil) prometendo se reunir em torno das doutrinas da graça e da fé reformada no Brasil⁶. O Brasil tem tamanho continental, é multicultural em sua formação, sua cultura possui muitas influências e a unidade é, por isto, um sonho.

1.2.2. Lideranças manipuladoras, autoritárias e abusivas

Lideranças autoritárias, em geral, produzem discípulos infantilizados e temerosos. Já encontramos na literatura livros que tratam de manipulação, abusos de autoridade, o preço das mentiras no mundo evangélico. Um famoso livro traduzido para o português é o *Desmascarando as Seduções* do autor Gary L. Greenwald. Este livro, que em muitos momentos tem tom assustador porque mostra, ou procura mostrar, a dinâmica diabólica por trás de atitudes aparentemente maduras de seres humanos, sobretudo daqueles que trabalham na liderança, pode ser uma boa referência para balizar o que é e o que não é sadio nas relações na igreja. Boa parte daquilo que é citado no livro já foi vivida por líderes que conheço e presentes na minha experiência. Segue uma lista do que ele trata:

CAPÍTULO 1 - A PERIGOSA TRANSMISSÃO DE ESPÍRITOS

Atitudes sedutoras
Espíritos dominadores
Relacionamentos malignos
Cada qual com seu igual
Intercessores manipuladores
Encontros secretos da pior espécie
Efeitos na multidão
O espírito do mundo
Buraco na cerca
O poder da sugestão
Herança do céu e herança do inferno
Manto e unção
Laços familiares de transmissão
Ataques diferentes para pessoas diferentes
Doutrinas estranhas

⁶ Ver o link: <https://visaocrista.com/convencao-batista-reformada-do-brasil-e-organizada-em-sao-paulo/>.



Influência excessiva
 Ministério de mistura
 Técnicas corruptas
 Manipulação de Mamom
 Julgue a si mesmo
 Experiências de imposição de mãos

CAPÍTULO 2 - LAÇOS DE ALMA

Laços que prendem
 Verdadeiros irmãos de alma
 Laços impiedosos de destruição
 Carne da minha carne
 Ciladas sexuais
 Escravos sexuais
 Compre agora... pague para sempre
 Almas dispersas
 Transmissão sexual
 Restauração para almas dispersas
 Orar com fé e receber

CAPÍTULO 3 - FEITIÇARIA CARISMÁTICA

Uma influência manipuladora
 O velho homem corrupto
 Raios falados
 Oração ou prisão
 Palavras manipuladoras de maldição
 Falsos profetas
 Manipulação das Escrituras
 O espírito de Jezabel
 Andando na zona de segurança
 Uso abuso de dons Imunidade espiritual
 Resgate da escravidão espiritual

CAPÍTULO 4 - OBJETOS E PRÁTICAS OCULTISTAS ABOMINÁVEIS

Práticas proibidas
 Estados de hipnose e transe
 Objetos ocultistas
 Maldições auto impostas
 Estátuas religiosas
 Maldições e objetos amaldiçoados
 Falsificações desafiadoras

A leitura destes temas presentes no livro pode sugerir uma guerra espiritual dos crentes contra o Diabo, e de fato o é, mas devemos enfatizar que são próprias da dinâmica das relações internas da igreja entre crentes, ou pelo menos por crentes nominais. Jesus afirmou que as portas do inferno não prevaleceriam contra



a sua igreja (Mt 16.18), mas não disse que não haveria guerra e conflito e nem de onde este conflito viria. Que lugar melhor para atacar qualquer grupo senão a partir de dentro dele? É nisto que se baseia, também, a parábola do joio e do trigo, o inimigo semeia no meio do campo do seu inimigo, ou seja, ou seja, o Diabo planta os seus na igreja. Naquela parábola é bom enfatizar que o ensino de Jesus é de que não se deve tentar arrancar o joio porque o trigo também será arrancado. É necessário deixar crescer para que na colheita joio e trigo sejam separados:

Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: "O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: 'O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?' " 'Um inimigo fez isso', respondeu ele. "Os servos lhe perguntaram: 'O senhor quer que vamos tirá-lo?' "Ele respondeu: 'Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderão arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até à colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro' " - Mateus 13:24-30

Um dos livros mais impressionantes e apaixonados escritos em português sobre este assunto é *Feridos em nome de Deus* da autora Marília de Camargo César e publicado pela Editora Mundo Cristão em 2003. Neste livro ela conta a história de crentes que sofreram nas mãos de líderes despreparados e que aprofundaram os problemas na vida de suas ovelhas e, também de ovelhas que causaram grandes problemas na vida de líderes. A autora mostra proximidade e muita intimidade com o assunto.

Estas são vertentes que temos que atentar na formação de uma igreja e de discípulos e que se colocam como grandes desafios para os crentes e líderes. Alguns líderes e igrejas prometem coisas que não podem cumprir como cura, prosperidade, comunhão, aprofundamento, amor, etc. Isto pode acontecer em qualquer igreja e em qualquer denominação.

A prosperidade de líderes ao custo da lã das ovelhas é altamente destruidora. Nem sempre as pessoas enlaçadas nestas redes de mentiras são capazes de perceber o engodo no qual foram envolvidas. Os líderes são persuasivos e dirigem multidões de pessoas sedentas por mudança de vida e mesmo de pessoas que



apenas querem ter mais dinheiro e poder. Em algum sentido, e em certos momentos, é uma troca entre aproveitadores.

A igreja evangélica, infelizmente, também é palco da idolatria gospel de pastores, bispos, apóstolos, cantores e bandas. A idolatria cobra seu preço, que geralmente é muito alto.

Outro autor muito produtivo nesta área é Augustos Nicodemus. Alguns de seus livros tratam de heresias e de perigos da igreja evangélica contemporânea. Destacamos livros como *O que estão fazendo com a igreja*, *Ateísmo Cristão e outras ameaças à igreja*, *Polêmicas na Igreja*, entre outros.

Mais uma vez citamos os desigrejados. Pessoas que, por causa de relações destruidoras com lideranças e com ovelhas, desistem da vida comunitária ainda que afirmem ter o firme desejo de uma relação com Deus. Alguns apontam que o número de desigrejados no Brasil chegue a 20 milhões, ainda que se identifiquem com evangélicos. Por outro lado, são pessoas que criaram padrões que esperam encontrar em comunidades, mas que nunca são encontradas.

A autoridade de líderes de igrejas lhes dá espaço para estes abusos trazendo grande prejuízo aos seus liderados. Eles têm autorização que julgam vir de Deus. As ovelhas vivem, portanto, uma crise de obediência muito séria. Como questionar, como se posicionar? Estes abusos podem se manifestar por meio de legalismo já que as regras estarão sempre acima da capacidade humana e mesmo do que preceitua a Palavra de Deus. As pessoas terão medo e isto é uma forma de coação.

Os fariseus no tempo de Jesus representavam este papel, mas veja o que Jesus disse a respeito deles:

Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los - Mateus 23:3, 4.

O resultado disto não é maior santidade e disciplina na igreja, mas um ambiente repleto de hipocrisia e de muita sujeira escondida por baixo do tapete.



Não somente por meio do legalismo um ambiente poder ser manipulador, mas também por meio do emocionalismo, geralmente conduzido por líderes carismáticos sob condições altamente sedutoras e emocionais. Há todo um trabalho teatral, palavras mágicas, ambiente preparado para seduzir pessoas. Um dos grandes defeitos é condicionar a suposta presença de Deus a ambientes assim, faltando a ênfase ao culto racional ensinado sob rogos pelo apóstolo Paulo em Romanos 12.1-3. É um ambiente muito confuso e que pode levar pessoas para longe de Deus definitivamente. Isto acontece com pessoas que são dissidentes de igrejas com este perfil e que nunca mais se encaixam em lugar nenhum. A queda destas lideranças e seu desmascaramento é fator decisivo para a queda e desvio de muitos.

Como identificar pessoas que estão manipulando a igreja? Além do que citamos e dos que apontamos, vamos fazer uma pequena lista que pode ajudar extraída de um vídeo interessante da *Comunidade Reformada Galpão de Sorocaba*⁷:

1. Há uma clara distorção das Escrituras e os tais pregadores falam muito mais do que pensam e querem, se colocando como único padrão dos fiéis. Paulo elogia os bereanos (At 17.11) que conferiam tudo que era dito com as Escrituras que possuíam sendo, por isto, muito mais nobres do que os de Tessalônica que não faziam isto. No entanto, ainda que devamos criticar severamente aqueles que nem mesmo abrem a Bíblia durante os cultos, devemos atentar para aqueles que a distorcem. No entanto, o único, ou pelo menos o principal critério para fugir disto é conhecer muito bem as Escrituras.
2. A liderança da igreja é autocrática, ou seja, são lideranças que, sendo alvo de discordância, isto é interpretado como desobediência ao próprio Deus. É a famosa frase: não levantar a mão contra o unguido de Deus - mas totalmente fora do

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=-7j8R9SDbXU>



contexto. Lideranças mais sadias tendem a ouvir mais, admitir erros e contar mais com a participação de outros.

3. O exclusivismo de certos líderes e suas igrejas também pode ser o sinal de um líder ou igreja manipuladora. Há nestes grupos certo ar de superioridade e de que Deus cuida do mesmo de modo especial e único. Estes grupos isolam seus participantes de outras pessoas e outros grupos.

4. O elitismo espiritual é outro sinal, já que internamente existe uma forte hierarquização da igreja e do grupo. Gostam do uso de títulos, de diplomas, de tempo na igreja, entre outras coisas que podem usar para classificar as pessoas e sujeitar, não de modo sadio, mas manipulativo, a vida de outros.

5. Comunidades, pastores e igrejas que controlam a vida de seus membros nos detalhes. Determinam o par para as pessoas se casarem, seu emprego, o uso do tempo, pensamentos, roupas, etc.

6. A saída das pessoas da comunidade geralmente é traumática e sua relação com os antigos crentes é prejudicada porque é tida como traidora.

7. Os líderes abusivos, mais uma vez citamos. Eles têm vida incoerente com o que falam. Sobrecarregam a vida da comunidade com aquilo que nem eles mesmos são capazes de carregar, como por exemplo, julgar os outros (Mt 7.1-2) usando medidas acima do que alguém pode carregar. Tais líderes exercem o ministério para a glória pessoal fazendo tudo para serem vistos pelos homens conforme disse Jesus (Mt 23.5), aceitando e exigindo glória e elogios, lugares corretos, além de um complexo messiânico doentio e servindo apenas a si mesmos.

Mas não apenas os líderes podem ter este perigoso e destrutivo perfil, as próprias ovelhas (ou bodes) podem ser assim. Um cuidado que pastores e líderes



devem ter e o de não estar divertindo os bodes quando deveriam estar pastoreando as ovelhas. Assim, quais os sinais que marcam a vida de uma falsa ovelha (um bode), ainda que possam ser marcas de líderes também:

1. Resistência clara e deliberada aos ensinamentos bíblicos – a liderança deve identificar e diferenciar a rebeldia aos ensinamentos da falta de maturidade e da lentidão no aprendizado. São coisas diferentes. O apóstolo Paulo quando escreve a primeira carta à Timóteo afirmou que “[...] virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos juntarão mestres para si mesmos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos” (2Ti 4.3, 4), mostrando com isto que, pastores como Timóteo, enfrentariam pessoas muito difíceis e que deveriam estar preparadas para elas.
2. Resistência à disciplina em todas as suas formas – más ovelhas não são ensináveis, não são disciplináveis e não são corrigíveis sem que o que aconteça a ela afete também aos outros. Jesus mostra isto em Mateus 18.15-17 prevê que algumas pessoas seriam resistentes aos ensinamentos e repreensões dos outros a ponto de que suas vidas fossem um embaraço para a igreja e sua exclusão se tornasse necessária.
3. Presença constante do pecado sem verdadeiro arrependimento - mais uma vez, devemos diferenciar as reais dificuldades de se desvencilhar de um pecado com o desejo de se manter nele. A carta de Judas, por exemplo, fala de pessoas que estão infiltradas na igreja e que de forma alguma mudam porque são obstinadas em seu pecado e intratáveis (Jd 4, 8, 10, 12, 16, por exemplo).



4. Maledicência – pode se manifestar naquilo que chamamos popularmente de fofoca⁸. Aqui recorreremos ao At quando fala de coisas desagradáveis ao Senhor e uma das quais é detestável: semear contenda entre os irmãos (Pv 6.19)
5. Partidarismo – bodes ou más ovelhas não tem receio em dividir a igreja em qualquer situação e não tem medo de usar pessoas incautas, inocentes e manipuláveis para seus fins. Os partidos e divisões são previstos como pecados destruidores da comunhão em Gálatas 5.20. Estes também fazem uso político e partidário das tensões internas da igreja para lucro próprio e destruição das lideranças constituídas, tendo assim um falso interesse com a comunhão da igreja.
6. Exigência de reconhecimento público e particular de seus trabalhos e dons (auto-exaltação) como em Mateus 23.5.

1.2.3. O discipulado como método de crescimento de igreja

O fenômeno da necessidade de crescimento da igreja é relativamente novo e vai ao encontro de necessidades temerárias das igrejas atuais que vão de poder e status a algum tipo de domínio político e cultural de seus arredores. Temos dados que mostram que algumas igrejas do passado possuíam quantidades razoáveis de membros como, por exemplo, a igreja Kidderminster pastoreada por Richard Baxter no século XVII na Inglaterra, que contava com 800 famílias e podendo ter chegado a um número de 3000 membros.

A relação direta entre a saúde e o tamanho da igreja é algo que pode ser considerado suspeito. Se, por um lado é impossível aceitar a ideia de que uma igreja sadia não cresce numericamente, por outro lado não podemos esquecer igrejas perseguidas existentes em ambientes altamente resistentes ao Evangelho e que contam com crentes maduros, firmes e ativos. Nestes ambientes a igreja é sadia e pode experimentar decréscimo em seu número total de membros. A realidade

⁸ Aconselho ler o texto no meu blog que trata de uma proposta para acabar com o pecado da fofoca na igreja: <https://reflexoes-e-flexoes.blogspot.com.br/2013/09/fofoca-uma-proposta.html>.



brasileira é a prova de que nem sempre as igrejas grandes são necessariamente igrejas sadias porque temos um sem número delas ligadas às heresias, manipulação espiritual, disputas por poder e relação suspeita com outros nichos sociais.

Reproduzimos abaixo um artigo da Revista Ultimato Online:

Teorias sobre crescimento da igreja - uma análise crítica na perspectiva missiológico-pastoral - Luiz Longuini Neto

O debate contemporâneo sobre o crescimento de comunidades cristãs tem uma história de 47 anos. Em 1955, o ex-missionário na Índia Donald McGavran publicou um livro intitulado *The Bridges of God* (As Pontes de Deus). Desde então, o chamado Movimento de Crescimento da Igreja tem sido alvo de acirradas e apaixonadas polêmicas. As ideias de McGavran foram divulgadas por seu discípulo Peter Wagner, tomaram corpo e tornaram-se mundialmente conhecidas pelo trabalho da Escola de Missões do Seminário Teológico Fuller, de Pasadena, Califórnia, EUA.

A idéia central do Movimento é o “princípio de unidades homogêneas”, assim descrito por McGavran: “as pessoas gostam de ser cristãs, sem ter que cruzar barreiras raciais, linguísticas ou socioeconômicas”. No contexto latino-americano, teólogos e missiólogos como Orlando Costas, René Padilla e Samuel Escobar, entre outros, têm criticado severamente o Movimento de Crescimento da Igreja da Escola de Fuller.

Desmembramentos mais recentes da teoria de crescimento da igreja deitam raízes no chamado “avivamento coreano”. É dos nossos irmãos asiáticos que herdamos a idéia de “grupos familiares” ou “igreja em células”. É evidente que, nos dias atuais, temos vários desdobramentos e podemos falar de “igreja em células” de vários matizes. Ainda no caudal teórico do crescimento das comunidades cristãs encontramos Rede Ministerial, G-12, grupos familiares, grupos de comunhão, grupos de discipulado, igreja celular, igreja com propósitos, e assim por diante.

É nosso intento fazer uma avaliação deste caudal de movimentos por entendermos que, com pequenas diferenças, todos eles seguem certos paradigmas que formam a base teórica que legitima a ação dos grupos em prol do crescimento das comunidades cristãs.

Existem aspectos positivos que devem ser ressaltados: a descentralização de estruturas rígidas na organização das comunidades locais; a valorização do trabalho do leigo, e não só do pastor ou clérigo; o envolvimento de vários membros com ministérios específicos, respeitando-se o dom de trabalho de cada um; o fato de as comunidades deixarem de ser templocêntricas e espalharem-se pelos bairros e cidades, em grupos menores e familiares; a democratização de estruturas de poder, antes centralizadas na mão de um pastor ou líder.

Por outro lado, podemos assinalar também vários aspectos negativos, que carecem de maior atenção por parte da nossa liderança evangélica no Brasil.

O pano de fundo ou o lastro cultural que dá sustentação a esses movimentos é o “american way of life” (estilo de vida americano), travestido, em alguns casos, do “korean way of life” (estilo de vida coreano). Todos



esses movimentos orientam-se pela idéia de quantidade, e não de qualidade – o estilo capitalista de acúmulo e crescimento passa a ser entendido como valor teológico. O que importa é construir megaigrejas. Igreja grande é sinônimo de bênção e sucesso. Há também a incorporação inescrupulosa de métodos utilizados na administração de empresas, como por exemplo, o planejamento estratégico.

O cenário evangélico brasileiro apresenta-nos hoje um bom número de avaliações, favoráveis ou não a todos esses movimentos. As igrejas históricas, por exemplo, são unânimes em reconhecer que o movimento G-12 apresenta propostas neopentecostais e incorpora práticas suspeitas em seus métodos. Essas práticas transitam desde lições superficiais de psicologia, regressão e cura interior até ocultismo e paganismo. O referido movimento não suporta ainda uma análise bíblica séria e criteriosa, no que tange ao valor revelacional e normativo das Escrituras Sagradas.

Precisamos refletir seriamente sobre essas teorias de crescimento da igreja. Tomamos como certo que é da natureza das comunidades cristãs o fator crescimento – assim lemos nas Escrituras. Também é certo que os modelos tradicionais, centralizadores, templocêntricos e pastorcêntricos já não funcionam mais. A Bíblia nos ensina a trabalhar com pequenos grupos e reuniões familiares – este argumento é irrefutável. Contudo, algumas questões importantes precisam ser respondidas: que tipo de crescimento queremos para as nossas comunidades? O crescimento quantitativo apenas é suficiente? O crescimento visa a glória de quem? De Deus ou do líder? O imenso crescimento quantitativo que temos experimentado no Brasil vem sendo acompanhado de compromisso de transformação da nossa sociedade? Existem trabalhos sociais nessas comunidades? As pessoas são realmente transformadas em seu caráter e em sua ética?

Penso que, quando encararmos essas questões com seriedade, estaremos dando um passo em direção a um crescimento sadio. Então corresponderemos a isso que o último Censo está chamando de crescimento evangélico no Brasil. Estaremos crescendo em tudo e não só inchando. Vamos fazer diferença e construir igrejas e sociedades diferentes, transformadas pelo poder do evangelho, e não apenas por teorias mundanas que podem fazer sucesso e servir fora da igreja, mas que, na igreja de Cristo, apenas atrapalham.

Movimentos missionários, como alguns de missões urbanas, estão atentos ao crescimento e ao surgimento de novas metrópoles em todo o mundo ocidental e oriental e, em parte, deve-se considerar que o tamanho das igrejas nestes ambientes é importante para o tamanho da missão, assim como um grande número de comunidades menores espalhadas nos centros e periferias destes grandes centros. A pergunta parece residir no porquê desejamos igrejas grandes e a que custo as desejamos e por elas trabalhamos.

O simples desejo de ter uma igreja grande parece inverter e perverter o princípio pelo qual uma igreja deve existir: glorificar a Deus o servindo, sendo sal e luz para o mundo, formando discípulos, combatendo o pecado e as trevas, etc.



As igrejas têm desafios diferentes e adotam diferentes formas de discipular e de administrar seus membros e seus desafios. O pastor Timothy Keller, ex-pastor da Redeemer Church, igreja construída no coração financeiro dos EUA e do mundo, Manhattan, que recentemente dividiu a comunidade em três grupos de 1000 pessoas aos cuidados de três diferentes equipes pastorais e na sequência, se aposentou, escreveu um importante artigo onde aponta as diferentes dinâmicas entre os diferentes tamanhos de igrejas. O artigo foi traduzido por Viviany Viguier e reproduzimos uma parte que diz respeito a cultura do tamanho:

Toda igreja tem uma cultura que caminha com o seu tamanho e que deve ser aceita. Muitas pessoas tendem a preferir certa cultura de tamanho e, infelizmente, muitos dão à sua cultura de tamanho favorita um status moral e tratam suas categorias de tamanho como espiritualmente e moralmente inferiores. Eles podem insistir que o único caminho bíblico para a igreja é a prática em que determinada cultura de tamanho a despeito do fato da igreja na qual congregam ser muito grande ou muito pequena para abraçar esta cultura.

Por exemplo, se alguns membros de uma igreja de 2000 pessoas sentem que eles devem conseguir falar com o pastor presidente ao telefone sem muita dificuldade, eles estão insistindo em ter um tipo de cuidado pastoral que somente uma igreja com menos de 200 membros proporciona. É claro que, se fosse assim, o pastor logo estaria sufocado. No entanto, os membros podem insistir em que se ele não puder atendê-los, estará falhando em seu papel bíblico em pastoreá-los.

Outro exemplo: um novo pastor presidente de uma congregação de 1500 membros pode insistir em que todas as decisões sejam tomadas em consenso entre todo o quadro e equipe. Logo todos estarão se reunindo toda semana por seis horas a cada reunião! O pastor pode continuar insistindo em que permitir aos líderes tomarem suas próprias decisões significaria deixá-los trabalhar sem supervisão e falhar na construção da comunidade. Impor a prática de uma cultura de tamanho a uma igreja que não tem o tamanho correspondente irá causar-lhe estragos e eventualmente forçar a igreja de volta ao tamanho com o qual estas práticas são compatíveis.

Mais um exemplo: novos membros que acabaram de se congregar a uma igreja menor depois de anos indo a uma grande igreja, podem começar a reclamar da falta de qualidade profissional dos ministros da igreja, e insistirem em que isto significa falta de excelência espiritual. O problema real, contudo, é que o trabalho que em uma grande igreja é feito por pessoas contratadas que trabalham em tempo integral, em uma pequena igreja é feito por voluntários. Da mesma forma, novos membros de uma igreja menor podem reclamar que sermão do pastor não é tão refinado e bem pesquisado quanto eles costumavam ver na igreja maior. Enquanto um pastor de uma igreja grande com uma equipe múltipla pode prescindir de 20 horas semanais para a preparação do sermão, o único pastor de uma menor deve devotar menos da metade do tempo deste tempo cada semana.



Isto significa que um pastor sensato deverá ter que sistematicamente confrontar as pessoas que não conseguem lidar com a cultura de tamanho de igreja – assim como muitas pessoas que não conseguem se adaptar a viver em culturas geográficas diferentes das quais estão acostumadas. Algumas pessoas suspeitam da organização frequentemente devido a razões validadas por suas experiências. Outras não conseguem não ter o pregador como seu pastor. Nós devemos sugerir a eles que estão pedindo o impossível para uma igreja deste tamanho. Nós não devemos dar a entender que seria imaturo da parte deles procurar uma igreja diferente, mas também não devemos ativamente encorajar ninguém a sair.

As entrelinhas destes textos invocam questões quanto ao discipulado e a relação com o tamanho da igreja uma vez que o tamanho da igreja implica em mais pessoas qualificadas trabalhando, maior necessidade do ministério leigo, maior ou menor disponibilidade da liderança na supervisão do total do trabalho. Mostra, também, que algumas pessoas estarão mais a vontade e serão mais edificadas estando em igrejas maiores enquanto outras terão o mesmo sentimento em igrejas menores.

1.2.4. O discipulado e as tensões com a liderança da igreja

No livro *Autoridade e Poder*⁹, Shedd (2013, p. 81, 82) destaca uma pesquisa feita pelo Departamento da Missão Mundial do Seminário Fuller de Pasadena, na Califórnia, feita com 900 líderes passados e presentes na vida da igreja. Eles levantaram pelo menos seis características importantes. Vamos destacar duas delas que são a segunda e a terceira. Ele diz:

[...], eles mantêm uma postura de aluno durante a vida toda. Nunca param de estudar. Leem livros que aumentam o conhecimento e ampliam os horizontes. Fazem cursos para crescer e melhorar suas aptidões ministeriais. [...], procuram jovens que mostram disposição e capacidade divinas para o trabalho. Eles se dedicam ao discipulado e desenvolvimento desses líderes novos. Criam oportunidades de ministério para o que estão sendo discipulados.

Ou seja, pelos comentários, a experiência de discipular é uma via de duas mãos em que aquele que discipula exerce melhor o seu trabalho, e os resultados nestas pesquisas parecem apontar nesta direção, sendo bem entendidos e com

⁹ Na ordem apresentada no livro são: a autoridade espiritual é a base do poder da liderança, líderes mantem postura de alunos durante toda a vida, sempre procuram jovens capazes para o trabalho, tem consciência crescente do próprio destino, tem uma filosofia de ministério clara e dinâmica e uma perspectiva vitalícia de ministério.



melhores resultados, quando aqueles que o fazem mantêm a postura de aprendizes e compartilham suas vidas, experiências e poder e autoridade que têm com novos líderes e futuras lideranças.

O processo de discipulado pode ser usado como forma de exercer controle do rebanho. Um controle pernicioso que pode impedir o desenvolvimento espiritual, a formação de novas lideranças e o próprio crescimento do Reino naquele lugar. Lideranças autoritárias e controladoras formam pessoas infantilizadas e dependentes, incapazes de produzir, de criar e até mesmo de se defender, quando não são capazes de discernir o certo e o errado, o bem e o mal. Uma das prováveis consequências, e facilmente observadas é: vamos formar líderes que vão conduzir a igreja rumo a gloria humana ou discípulos que serão como Jesus?

Os conceitos de liderança e espiritualidade de hoje claramente se chocam com o conceito de discipulado. As palavras e o exemplo de Jesus, conforme visto anteriormente, apontam na direção do serviço e da *escravidão*. Os conceitos atuais apontam liderança pelo uso do poder e as noções de espiritualidade apontam na direção do controle e da conquista. A liderança aponta, sob estes conceitos, não apenas como controle, mas estimula o ativismo sem direção.

Ao favorecer o ativismo sempre teremos um pequeno grupo trabalhando para entreter a maioria, na proporção de 1/6, ou seja, cerca de 15% trabalhando para um *público expectador* de 85%. Isto conflita com a formação do caráter de Cristo na vida dos crentes. Caso os ministérios da igreja assumam uma importância acima do serviço de todos, correremos o risco de perder os nossos membros, pois, como descreveu Pastor Mauro Israel, “*A assistência pessoal não é uma atividade para concorrer com outros ministérios ou departamentos na igreja. É a própria igreja no exercício da mutualidade*”. Sem a mutualidade necessária entre os membros, ou perdemos os nossos para o mundo, ou os perderemos em nossas próprias estruturas.

Outra questão diz respeito à percepção que a liderança tem de seu trabalho e de como avaliar os resultados de seu trabalho. Boa parte das igrejas está limitada



aos cultos e a escola dominical como recursos para a formação de membros maduros. Desta forma, apresentam um desvio de finalidade limitando sua atuação, e contribuem para uma falsa segurança; e se os novos crentes seguirem o mesmo exemplo limitado e preguiçoso, isso, finalmente, lhes fará mais mal do que bem. Entre os batistas, lamentavelmente, ainda observamos claramente a redução e mesmo a extinção da escola dominical limitando a formação de novos crentes apenas aos cultos dominicais. Mesmo estes cada vez mais vazios de conteúdo bíblico e doutrinário e, obviamente longe das necessidades pessoais e do desenvolvimento de cada um.

Estevão A. Santo enfatiza com propriedade que,

[...] não muito raro, nós ministramos a dimensão da assistência pessoal partindo do princípio de que se a pessoa está presente, então está tudo bem com ela. Formou-se uma tradição perigosa nas nossas igrejas de que estar presente significa estar envolvido [...] Às vezes a pessoa está presente, frequenta todos os cultos, tem todas as 'presenças' na Escola Bíblica Dominical, mas está precisando desesperadamente de cuidados"

É necessário combater esse movimento, já que a igreja *"no conceito neotestamentário, 'igreja' é uma comunidade sem fronteiras e, portanto, há necessidade de sacramentalizarmos mais os santos e menos os templos"*.

Segundo o Pr. Franklin: *"Na Igreja, o ministério é do povo, enquanto a obra dos ministros é a capacitação do povo para cumprir seu ministério"*¹⁰. Portanto, se ao invés de 15% fornecerem programações, tivéssemos os mesmos capacitando/treinando os membros para um ministério já delineado pela igreja, teríamos, assim, um grande despertamento (Ef 4.1-16), e a base do serviço seria a Igreja num todo, não apenas exclusiva da liderança.

Dever (2009, p. 82) também escreveu sobre o assunto¹¹:

Uma evidência que uma igreja pode não ter o entendimento bíblico da conversão e da evangelização é esta: o número de membros é bem maior do que o número dos que participam dos cultos. Essa igreja deveria parar e perguntar porquê que a sua pregação produz tão grande número de

¹⁰ FERREIRA, Franklin & MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. SP: Vida Nova, 2007. Página 951.

¹¹ DEVER, Mark. *O que é uma igreja saudável?* SP: FIEL, 2009. Página 82.



membros que ela nunca vê e, apesar disso, sentem-se seguros de sua salvação. O que lhes ensinamos sobre o significado do discipulado em Cristo? O que lhes falamos sobre Deus, o pecado e o mundo?

Outro fenômeno moderno, ligado à visão da liderança da Igreja, é o *gigantismo de algumas igrejas e o alvo de ter megaigrejas*. Megaigrejas são necessárias e podem realizar muitas coisas que igrejas menores não podem como, por exemplo, o sustento de missionários, ter grande alcance da mensagem pelo uso de meios de comunicação e grande alcance de pessoas rapidamente, mas 1.500 a 30.000 membros tendem a criar estruturas tão complexas e caras para abrigarem seus membros, que ficam impossibilitadas de investir nas áreas prioritárias bíblicas, devido aos grandes gastos com a estrutura.

A relação dos discípulos de Cristo com os líderes da igreja é ponto nevrálgico da vida da igreja e do Reino. Que se ressalte a postura humilde de um aprendiz na vida de líderes realmente comprometidos com Deus.

1.2.5. A falta de poder e autoridade dos discípulos atuais e suas igrejas

A natureza do poder e da autoridade delegada por Cristo aos discípulos do primeiro século é inegável. Ainda durante o seu ministério vimos que os discípulos foram capacitados por Cristo para operar milagres, expulsar demônios, falar com autoridade e falar em nome do próprio Cristo. Em Lucas 10, como já analisamos anteriormente, eles retornam impressionados com os resultados fantásticos do envio de Cristo a cidades que deveriam ser preparadas para a sua chegada. Após a ressurreição narrada no final de todos os Evangelhos e da ascensão narrada no início do livro de Atos, a começar pelo apóstolo Pedro, vemos os discípulos tomados por muita coragem, determinação e um sentido muito claro de missão. Enfrentar as autoridades com ousadia e coragem, repreender os discípulos em suas faltas, discernir pessoas falsas e espíritos malignos, estarem dispostos a morrer por Cristo são alguns dos sinais deste poder e desta autoridade.

A referência de Atos 1.8 é uma das mais importantes porque está assinalando o propósito do envio do Espírito Santo e da missão dos discípulos: serem



testemunhas de Cristo em todo o mundo. Comentaristas do livro de Atos costumam apontar este verso como um sumário do livro escrito por Lucas a Teófilo.

De fato, quando analisamos os primeiros sete capítulos vemos todo o desenvolvimento da igreja em Jerusalém. A partir do capítulo oito até o capítulo 13 vemos o Evangelho chegando à Samaria e às primeiras cidades gentílicas próximas à Judéia. Após o capítulo 15 de Atos com o Concílio de Jerusalém e o foco de Lucas em Paulo, vemos o desenvolvimento da pregação do Evangelho em terras gentílicas mais distantes, chegando a Roma, terminando com o encarceramento de Paulo e sua vida de pregação em prisão domiciliar enquanto aguardava o julgamento que possivelmente encerrou com sua morte conforme vimos anteriormente. Em todas estas fases vemos a mesma autoridade e poder dos discípulos durante o ministério de Jesus.

A fase, que descrevemos como patrística, é repleta de enfrentamentos mortais, de corajosos e acalorados debates e pela busca incessante pela verdade doutrinária. Em períodos posteriores assistimos ao enfraquecimento da igreja, sua corrupção, mas sempre houve grupos detentores da verdade e da pureza da igreja, ainda que as avaliações do papel destes grupos possam ser questionados e questionáveis para muitos.

A natureza do poder e da autoridade dos discípulos parece estar alicerçada sobre certos aspectos como: relação de intimidade com Cristo que gere testemunho convincente, presença de dons carismáticos e manifestações extáticas, conhecimento bíblico-doutrinário profundo, enfrentamento das autoridades e de grupos opositores dentro e fora da igreja, convicção profunda de livramento e recebimento de recompensas, visão ampla da missão e destemor diante de ameaças e morte. E, sob estes aspectos também, podemos analisar nossa realidade presente.

A relação de intimidade com Cristo que gere testemunho convincente no tempo apostólico estava ligada a uma vida de seguimento de Jesus e do testemunho da ressurreição. Estas verdades se impuseram até nossos dias pelo testemunho



apostólico e de outros discípulos da época e dos que os sucederam reafirmando sempre esta verdade. Ao contrário do que apontam os críticos da ressurreição, o testemunho da ressurreição como objeto central da fé cristã não foi uma construção da igreja primitiva ao longo de alguns anos, mas teve imediato reflexo e consequências na vida e na pregação dos apóstolos que, encorajados e motivados por ela pregavam e enfrentavam os opositores. Hoje quase não ouvimos defesas consistentes e apaixonadas de cristãos a respeito da ressurreição. O testemunho cristão parece querer se basear muito mais na subjetividade de um relacionamento que se dá em esferas intangíveis do coração e muito mais ligadas ao gosto pessoal e ao sentimento por si só. A intimidade dos cristãos do primeiro século, assim como em muitas épocas, só foi eficiente porque tinha bases muito sólidas sobre as quais alicerçar-se. É certo que a intimidade, conforme propomos aqui, é em parte subjetiva, ou seja, ela é em parte a construção de um relacionamento com Cristo, mas tal relacionamento se dá em bases que são comuns e universais ao todo da experiência cristã. O senhorio de Cristo, o conhecimento e amor à sua Palavra, a fé em sua ressurreição, seu poder salvador e libertador, são alguns dos elementos basilares da relação de todo e qualquer cristão. Assim, o secularismo, que transforma a fé exclusiva em Cristo em uma forma de fé terrena roubando o senhorio exclusivo de Cristo; o analfabetismo bíblico ou a interpretação rasa e superficial das Escrituras, incapaz de gerar crentes maduros; a falta de foco no evento da ressurreição como central para a fé cristã; a ideia de que Jesus deve apenas atender às expectativas momentâneas e a falta de desejo pela eternidade que transcende esta existência; tomam conta do desesperador cenário atual.

A presença de dons carismáticos e manifestações extáticas no período apostólico são tema recorrente das igrejas, teólogos e crentes. Muitas igrejas alegam possuir um sem-fim de dons carismáticos, sobretudo aqueles ligados ao exorcismo e curas. Outras igrejas, principalmente do ramo pentecostal, são conhecidas por incluir em seus cultos a necessidade do dom de línguas e de manifestações extáticas que podem incluir risos, giros, gritaria e muita movimentação sob a alegação de estarem tomados pelo Espírito Santo. Guiados pelo emocionalismo, carentes de base bíblica e histórica para tais ações,



condicionados pelo ambiente, incapazes de avaliar a necessidade e a validade do que fazem, multiplicam-se e se perpetuam tais atos. Dons em grande quantidade acompanharam os apóstolos. Houve quem quisesse comprar tal poder, como vemos em Atos 8.17-24 com Simão, o mágico:

Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. Vendo Simão que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro e disse: "Deem-me também este poder, para que a pessoa sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo". Pedro respondeu: "Pereça com você o seu dinheiro! Você pensa que pode comprar o dom de Deus com dinheiro? Você não tem parte nem direito algum neste ministério, porque o seu coração não é reto diante de Deus. Arrependa-se dessa maldade e ore ao Senhor. Talvez ele lhe perdoe tal pensamento do seu coração, pois vejo que você está cheio de amargura e preso pelo pecado". Simão, porém, respondeu: "Orem vocês ao Senhor por mim, para que não me aconteça nada do que vocês disseram".

Na sessão 5.5 nos posicionamos como cessacionistas, ou seja, alguns dons não existem mais, ainda que sustentem a igreja até hoje, como o apostolado, por exemplo. Um livro importante dentro da questão do uso dos dons e do poder espiritual dos discípulos para explicar a aparente falta de milagres e sinais em nosso tempo e ao mesmo tempo alicerçar uma doutrina bíblica sólida que leve os discípulos a compreender e evitar problemas na área é o livro *Sinais e Maravilhas: os dedos de Deus ou os chifres do Diabo?* - livro de Alan Pieratt. A tese é a de que Deus atua como quer em cada tempo e que as igrejas nunca deixarão de ter aquilo que precisam. A necessidade de dons carismáticos e manifestações extáticas da igreja pode não atender à necessidade do Espírito Santo e nem mesmo da igreja. Para isto, os autores propõe que as experiências sejam sempre avaliadas de acordo com os seguintes princípios: o milagre em si, o agente do milagre, a mensagem que o milagre profere, o clima ou ambiente em torno do milagre, os beneficiários dos milagres e os resultados do milagre (Vida Nova: Pierrat, páginas 159-168).

O conhecimento bíblico-doutrinário profundo marcou a vida dos apóstolos. Nas cartas de Paulo há orientações sobre casamento, alimentação, culto, segunda vinda de Cristo, dons espirituais sempre baseados nos ensinamentos de Cristo, dos outros apóstolos e dos princípios já presentes nas Escrituras, ou o AT. Vimos, quando escrevemos sobre o período patrístico, os vários embates teológicos que os crentes do passado tiveram entre si e com outros pensadores e opositores de seu



tempo. Debates intensos que fundamentaram doutrinas das Escrituras, que desenvolveram termos que explicam e sintetizam doutrinas complexas como a Trindade, o Milenismo, a Predestinação, etc. Dois milênios de cristianismo parecem ter fortalecido as diferenças, divergências e cooperado para o conhecimento bíblico doutrinário pouco profundo. Como protestantes devemos aceitar a ideia de que o nosso único consenso é a falta de consenso. O fundamentalismo do século XX teve a virtude de tentar, no primeiro momento, manter o consenso com as doutrinas centrais da fé cristã e que sustentam as verdades do cristianismo. O Fundamentalismo é construído em cinco princípios da fé cristã, embora haja muito mais para o movimento do que a adesão a estes princípios: 1) A Bíblia é literalmente verdadeira. Associada a este princípio é a crença de que a Bíblia é infalível, isto é, sem erro e livre de contradições. 2) O nascimento virginal e a divindade de Cristo. Os fundamentalistas acreditam que Jesus nasceu da Virgem Maria, foi concebido pelo Espírito Santo e era e é o Filho de Deus, plenamente humano e divino. 3) A expiação substitutiva de Jesus Cristo na cruz. O Fundamentalismo ensina que a salvação é obtida somente através da graça de Deus e a fé humana na crucificação de Cristo para os pecados da humanidade. 4) A ressurreição corporal de Jesus. No terceiro dia após a sua crucificação, Jesus ressuscitou dos mortos e agora está assentado à direita de Deus Pai. 5) A autenticidade dos milagres de Jesus como registrados nas Escrituras e a literal e pré-milenar segunda vinda de Cristo à Terra. Poucos crentes, infelizmente, são capazes de explicar a razão de sua esperança, como sugere o apóstolo Pedro (1Pe 3.15). O discipulado deve procurar sanar este vazio doutrinário também. A fé deve buscar de entendimento. A autoridade ao falar, argumentar e enfrentar as ideias contrárias ao cristianismo é produto da capacidade mental munida do conhecimento adquirido pelo bom discipulado.

O enfrentamento das autoridades e de grupos opositores, dentro e fora da igreja, talvez caracterizem ainda mais claramente este poder e autoridade dos discípulos que estamos tratando. Eles não tinham a mínima disponibilidade para negociar sua fé, as suas convicções e não davam, nestas circunstâncias, a menor importância para a própria vida. A começar de Tiago, passando por Estevão, e



chegando aos cristãos das igrejas perseguidas de hoje, que se concentram em boa parte no oriente, vimos este enfrentamento.

A convicção profunda de livramento diante das adversidades e do recebimento de recompensas eternas também eram características fortes dos cristãos dos tempos apostólicos e que os sucederam. Talvez o nosso maior exemplo seja o próprio apóstolo Paulo. Em 2Timóteo 4: 6-10 ele diz:

Quanto a mim, já estou sendo derramado como oferta de libação e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, terminei a carreira e guardei a fé. Desde agora a coroa da justiça me está reservada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos que amarem a sua vinda.

Em alguns momentos vimos que Paulo oscilou em seu desejo de partir para estar com Cristo e ficar para continuar pregando e ajudando a igreja. Obviamente, como servo de Deus, sabia que esta decisão não lhe cabia, mas mostra com isto que cogitava entre a grande importância entre duas realidades tão diferentes, mas unidas pelas por Cristo. Discípulos que dão importância exagerada a esta vida terrena ignorando que são peregrinos em terra alheia, ou mesmo aqueles que não cogitam com carinho em seus corações com regularidade quanto a sua vida pós-morte no Reino de Cristo, unem-se àqueles que desprezam a importância de servir bem aqui enquanto aguardam sua chamada final para estar com Cristo e, por sítio mesmo, não podem realizar um trabalho suficientemente bom. Cristãos em todo o tempo são acusados de afirmar que somente eles herdarão o céu, mas estes são aqueles que não sabem que estas promessas nos foram feitas por aquele que as pode cumprir cabalmente e ignoram que tal promessa é de grande importância para a forma como vemos a vida, a morte e nossa vida com Cristo em seu Reino.

Em Atos 7.55 vemos um momento importante na vida de Estevão, quando ele, cheio do Espírito Santo, contempla a glória de Deus e Jesus ao lado de Deus em um ato que podemos entender como uma recepção divina de um discípulo tão fiel. A base do poder e da autoridade também conta com o destemor diante da morte e as certezas das compensações na eternidade. Mesmo tratando da morte, não podemos esquecer os diversos livramentos que os discípulos tem passado. Mais uma vez o apóstolo Paulo nos serve de referência. Foram vários os livramentos que



passou, como por exemplo, o incidente com a serpente na Ilha de Malta (At 28.1-6). Devemos contar com a presença de Deus e de seus livramentos quando estamos à seu serviço. A Bíblia apresenta diversas promessas de livramento, como por exemplo:

Mateus 6.13: E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Mateus 28.14: Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós lhe daremos explicações e livraremos vocês de qualquer problema.

Lucas 4.18: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos.

Atos 12.11: Então Pedro caiu em si e disse: "Agora sei, sem nenhuma dúvida, que o Senhor enviou o seu anjo e me libertou das mãos de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava".

Atos 16.36: O carcereiro disse a Paulo: "Os magistrados deram ordens para que você e Silas sejam libertados. Agora podem sair. Vão em paz".

Atos 22.30: No dia seguinte, visto que o comandante queria descobrir exatamente por que Paulo estava sendo acusado pelos judeus, libertou-o e ordenou que se reunissem os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio. Então, trazendo Paulo, apresentou-o a eles.

Atos 26.17: Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio.

2Coríntios 1.10: Ele nos livrou e continuará nos livrando de tal perigo de morte. Nele temos depositado a nossa esperança de que continuará a livrar-nos.

Gálatas 5.1: Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão.

2Tessalonicenses 3.2: Orem também para que sejamos libertos dos homens perversos e maus, pois a fé não é de todos.

2Timóteo 4.17: Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão.

2Timóteo 4.18: O Senhor me livrará de toda obra maligna e me levará a salvo para o seu Reino celestial. A ele seja a glória para todo o sempre. Amém.

Hebreus 11.25: Houve mulheres que, pela ressurreição, tiveram de volta os seus mortos. Uns foram torturados e recusaram ser libertados, para poderem alcançar uma ressurreição superior.



2Pedro 2.9: Vemos, portanto, que o Senhor sabe livrar os piedosos da provação e manter em castigo os ímpios para o dia do juízo,

Neste sentido, a autoridade e o poder dos discípulos também residem no fato de que ele crê e pode contar com os livramentos de Deus.

A visão ampla da missão também é base para a autoridade e o poder discipular. Intérpretes do NT costuma acusar a igreja centrada em Jerusalém, a igreja repleta dos discípulos diretos de Jesus, de não tem compreendido e nem avançado em sua obra missionária de pregar o Evangelho a mundo todo. As palavras de Pedro em defesa dos discípulos gentios no Concílio de Jerusalém narrados em Atos 15 mostram que ele sabia que esta missão lhe fora dada e, de fato, temos casos em que ele prega e está presente em ambientes gentílicos como no caso de Cornélio (Atos 10) e sua presença entre os crentes da Galácia. No entanto, quem parece realmente dar conta desta situação de expandir a pregação do Evangelho ao mundo conhecido de então é o Apóstolo Paulo. Vimos que, por séculos a fio, a igreja esteve inerte em suas ações missionárias, retomando esta tarefa apenas no século XIX com William Carey.

Entretanto, quando falamos da amplitude da missão cristã dos discípulos não estamos nos referindo apenas ao alcance geográfico da missão, mas também dos meandros em que o Evangelho deve ser pregado como as autoridades, governadores e reis, por exemplo, além da penetração da mensagem evangélica em ambientes hostis de idolatria, secularismo e resistência à moralidade do Evangelho. A autoridade e o poder da igreja e dos discípulos se dão também por esta amplitude geográfica, política, social e espiritual.

Um dos princípios que aprendemos em missiologia é que o direito que os discípulos têm de pregar o Evangelho em qualquer lugar do mundo a qualquer criatura divina está no fato de que o próprio Criador ordenou e autorizou que isto fosse feito. Obviamente, guardados os devidos cuidados, sabemos que há locais na Terra onde a resistência e proibição da pregação do Evangelho é tão severa que qualquer crente que se aventurasse a falar abertamente de Cristo e viver como um cristão declarado poderia ir de encontro à uma boa estratégia missionaria para



aquele lugar, já que demanda tempo, cuidado e maior preparo do ambiente. Mas os discípulos devem ter em mente que o Criador de tudo ordenou e autorizou que se pregasse sua mensagem em toda a Terra.

As leis de Deus se sobrepõem às leis humanas. Foi assim que Pedro e João se dirigiram às autoridades quando quiseram obrigá-los a se calar: "nos importa obedecer a Deus e não aos homens" (At 5.29). Esta resposta foi à altura da possível proibição de eles pregassem. No entanto, sabemos que, mesmo em países, estados e cidades onde a pregação do Evangelho não é criminalizada, proibida, restrita ou indesejável, o ambiente também pode querer exigir dos discípulos que neguem, pela prática de obediência a leis humanas, ao próprio Cristo. Nem sempre as leis são morais e dignas de serem obedecidas. No tempo dos apóstolos, por exemplo, César estabeleceu a lei que obrigava aos cidadãos dominados por Roma a se curvarem diante de sua efígie, podendo ser presos e até mortos os que se negassem a isso. É provável que os crentes de Laodicéia tenham feito isto, o que justificaria tamanha bronca e descontentamento de Jesus como vemos em Apocalipse 3.14-22. Ao longo da história da igreja, e também nossos dias, temos notícias de cristãos que são punidos com mortes terríveis por não negarem Jesus, desrespeitando leis e ordem de autoridades nos seus países de origem. Há outros tantos que perdem seus direitos civis, são abandonados por suas famílias e se veem obrigados a fugir. O Brasil é um país cujos hábitos de seus moradores são temerários. No livro *Dando um Jeito no jeitinho – como ser ético sem deixar de ser brasileiro*, Lourenço Stelio Rega mostra como é difícil ser cristão em um país onde as regras são determinadas pela força, pela esperteza e pela malandragem. Os cristãos devem viver acima disto tudo. O bom testemunho cristão é também a base da autoridade e do poder da igreja e dos discípulos. Os desafios morais e éticos que temos são muitos, variando dos hábitos diferentes de vestir, comer e beber, do vocabulário, do respeito às leis, de diferentes valores morais e de formas cristãs de relacionamento com a sociedade.

Discípulos fazem discípulos e o discipulado começa com a evangelização. Assim, as relações sociais do discípulo são fundamentais para aquele revestido de poder e autoridade de Cristo para pregar. No Sermão do Monte em Mateus 5.13-16,



ele afirma que os discípulos são a luz e o sal da terra e que eles não podem se esconder. Enfatiza que se os discípulos cumprirem sua parte, brilharão ao ponto de os outros glorifiquem a Deus por suas obras. O poder e a autoridade dos discípulos existem para que estabeleçam um relacionamento direto com o mundo com o propósito de levá-lo aos pés de Cristo.

Espiritualmente é bom lembrar as palavras de Jesus que disse que "o mundo jaz no maligno" (1Jo 5.19). Faz coro com este verso as palavras do apóstolo Paulo quando diz em Efésios 6.12 que "[...] não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Esta afirmação de Paulo merece destaque ao lado da afirmação da primeira carta de João. Deus criou o mundo e tudo que nele há conforme as Escrituras. O mundo está desordenado por causa do pecado e da desobediência humana. Apesar dos governos e autoridades terem sido instituídos por Deus, sabemos que eles, não necessariamente, servem a Deus e fazem a sua vontade. De fato, como sabemos, muitos servem a outros deuses, negam a existência de qualquer deus, enquanto outros, que até professam algum tipo de religiosidade, estão entregues ao roubo, corrupção e vaidades. Temos exemplos nas Escrituras de homens que se comportaram conforme a vontade de Deus em ambientes que lhes eram contrários e desfavoráveis como José, Daniel, Esdras, Neemias, entre outros. Mesmo quando as leis e costumes lhes eram desfavoráveis, optaram por fazer a vontade de Deus e foram bem-sucedidos nisso. Quando lemos Hebreus 11, vemos que muitos, mesmo tendo morrido, mesmo tendo perdido o respeito e a honra e mesmo tendo sido presos, optaram por confrontar seu tempo ao fazer a vontade de Deus. A mesma coragem é esperada hoje e o ambiente é igualmente contrário a Deus e à sua vontade. Igrejas e discípulos tem em sua agenda a confrontação do mundo e de sua mentalidade como parte do ministério. Quando Jesus afirmou que seu Reino não era deste mundo, devemos entender que seus valores são diferentes e que ele veio para confrontá-los. Por isto que, em determinado momento, ele afirma que os inimigos de um homem seriam os seus próprios parentes, que um profeta não teria honra em sua própria casa e os seus discípulos seriam arrastados presos e mortos.



Os discípulos, por isto, mostravam destemor diante das ameaças e morte. O ambiente para a igreja no Ocidente é enganosamente favorável, uma vez que os valores que construíram o Ocidente que vieram da Bíblia são negados, evitados e desprezados por todos os meios. Eis um grande desafio!

1.2.6. A falta de cuidado para com os novos convertidos

Não podemos negar a grande alegria quando uma pessoa se converte, sobretudo se é uma pessoa que conhecemos e que encaminhamos para a igreja ou uma pessoa que, pelos pedidos de outras pessoas, orávamos aguardando a conversão. Sabemos que, muito raramente, aqueles que assistem o novo nascimento de alguém e o veem aceitando Jesus como Salvador, geralmente desconhece o trabalho de outras pessoas anteriormente pelo evangelismo e pela oração.

Não podemos nos enganar imaginando que as conversões se dão somente por intermédio de atividades da igreja e por eventos bem elaborados porque não é o que os estudos demonstram. Muitas igrejas se enchem de crentes de outras igrejas (naquilo que Ricardo Bitun chama de mochileiros da fé, ainda que no seu foco estejam principalmente a IURD e IMPD, mas podemos observar este fenômeno em menor escala até mesmo em igrejas conservadora e históricas), num efeito quase que migratório, cuja origem está no desejo por programações e por suporte adequado à família (berçário, atividade infantil, programações de jovens, etc).

E os incrédulos? Segundo o ministério de Clubes Bíblicos, a maioria das pessoas se converte por influência de pessoas próximas que são geralmente parentes e amigos. Muitas atividades evangelísticas se concentram em alcançar os distantes, enquanto que os que estão próximos, que são os mais acessíveis, são deixados sem um cuidado específico. Esta informação é especial. Passado o processo de evangelização, deveríamos enxergar a necessidade do discipulado destas pessoas, ou seja, do cuidado dos novos convertidos e quem sabe, quando possível, até mesmo desde que migram entre igrejas dando ao mesmo a oportunidade de estabelecer uma condição mais madura e estável com a igreja. O evangelismo e o discipulado devem andar juntos.



É notório, em muitos lugares do mundo (Canadá, EUA, Europa), um declínio da influência das igrejas, assim como um declínio da própria igreja, e isso pelo fato de não haver uma perpetuação do evangelismo e do discipulado, entre outros fatores como a secularização e a próprio crescimento da qualidade de vida das pessoas nestes países. As pessoas morrem, se mudam para outras regiões e transferem-se de igrejas, o que é mais comum. Esse fenômeno de flutuação da membresia, crescente num período pós-moderno, pode aniquilar certas igrejas, caso não haja um projeto prático de evangelismo e discipulado. Esses projetos simples ensinam a Igreja a obediência à Palavra de Deus, contribuindo numa reafirmação doutrinária e numa fé real.

Um novo convertido exige de uma igreja e de um grupo de discípulos mais vividos e preparados, muito trabalho. Além do desafio próprio de ensinar e caminhar com alguém pelo menos em seus primeiros meses ou anos de vida cristã, temos os desafios impostos pela própria vida como, por exemplo, de uma cidade grande como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, etc.

Devemos imaginar que, no primeiro passo do processo, *as pessoas devam ser orientadas quanto ao que implica sua decisão, o que implica ser parte da igreja, e os primeiros passos de confissão de fé e preparativos para o batismo e o direcionamento ao cuidado pastoral.*

A grande popularidade das igrejas evangélicas nas mídias tem a vantagem de que a mensagem evangélica é rapidamente propagada e divulgada à muitas pessoas em muitos lugares em pouco tempo.

O prejuízo desta velocidade e abrangência é que a qualidade da mensagem e da instrução é de baixa qualidade, falsificada, segmentada, tendenciosa, distorcida. É comum que hoje recebamos pessoas que já tenham um conjunto de informações sobre as igrejas sem que nunca tenham sequer pisado os pés em uma. Um trabalho de reorientação e de correção de ensinamentos distorcidos possa ser necessário nos primeiros cuidados do novo convertido.



É preciso comunicar que os novos convertidos estão sendo reconciliados com Deus por causa de sua condição pecadora. Muitos não têm consciência desta verdade, mesmo muitos anos depois de convívio eclesial. Isto pode trazer grandes prejuízos para o desenvolvimento da maturidade cristã. O famoso plano de salvação, cujo processo de comunicação pode ser reproduzido de infinitas maneiras, deve ser conhecido por todo evangelista e ensinado com precisão a todo crente novo convertido ou não¹². Ser parte da igreja é outro processo a ser trabalhado e ele possui dois aspectos: ser membro da família de Deus e ser obreiro na casa de Deus.

As duas coisas não precisam, necessariamente andar juntas. Apesar de reconhecer o valor do livro *a Treliza e a Videira*, acho temerária a afirmação de que uma pessoa que não for posta para trabalhar na igreja em mesmo de seis meses corre sérios riscos de abandonar a comunhão. É temerário porque trabalhar na igreja e no Reino de Deus exige experiência, conhecimento, estrutura que só se adquirem com o tempo. Talvez estas pessoas devam ser mais acompanhadas e envolvidas nas atividades e trabalhos da igreja como acompanhantes e como observadores antes.

No entanto, e isto é fundamental, as pessoas devem ser bem recebidas e compreenderem o quanto antes que fazem parte daquela família igreja e povo de Deus. Neste sentido, devemos estar preocupados e ocupados em atender às necessidades de todas as faixas etárias e de pessoas em suas mais variadas fases da vida cristã. Acredito que algumas pessoas não careçam mais, em algum ponto da vida, de cuidados especiais porque já tem maturidade e trabalham na formação de novas pessoas.

Logo ao se converterem, as pessoas devem ser orientadas a dar pública profissão de fé, ou seja, ainda que timidamente, afirmarem ter feito uma decisão voluntária por Cristo. Mesmo aqueles que não tenham vícios que, pelo menos para nossa cultura, sejam escandalosos e uma pedra de tropeço, devem ser orientados a

¹² Já usei diversas vezes um método que leva em conta os dedos da mão. Para cada dedo uma afirmação: Sou pecador, Estou perdido, Cristo Morreu por mim, Estou Salvo e Devo crescer. Todos indicados por versículos e explicações sobre a queda, o sacrifício de Jesus, a fé nele, etc.



um novo estilo de vida o qual aprenderão e deverão se conscientizar a cada dia. Muitos limitam esta nova vida a não ter vícios, a não falar palavrões, a não mentir, mas sabemos que a vida de um novo crente, assim como dos mais velhos, deve glorificar a Deus em tudo, assim não são apenas coisas novas que devem ser feitas, como as boas obras, a evangelização, a oração, a leitura bíblica, o compromisso com a igreja local, mas também fazer as antigas coisas de modo novo, como trabalhar e se divertir.

Temos ainda, infelizmente, muitas pessoas que permanecem por anos e anos na igreja sem se batizar. Uma parte ainda luta contra vícios, outra parte ainda esbarra na própria inconstância, outros em questões familiares e outros travados em questões espirituais mais profundas como algum acordo ou aliança não quebrado com as trevas. Boa parte talvez sofra por falta de orientação e de cuidado mesmo. Muitas vezes também nos enganamos quanto à condição espiritual de alguém pelo simples fato de que não perguntamos, supondo que sabemos o que está acontecendo ou puro desleixo ou falta de reflexão.

Dentro de cada tradição o batismo pode assumir conotações diferentes. Na tradição batista ele não é visto com o poder de salvar, mas de uma obediência ao exemplo do próprio Cristo, que não carecia ser batizado porque não tinha pecado, mas o fez para que toda justiça fosse feita, e da necessidade de que, por meio dele, o novo convertido seja recebido de fato como membro do corpo, como membro da igreja. O batismo é, em si mesmo, um forte testemunho público da fé em Cristo, uma vez que o culto em que o batismo deve ser realizado publicamente. Poucas circunstâncias justificam um culto secreto, como em países onde já perseguição. Mesmo quando o batismo é realizado fora do templo, como em rios, represas, piscinas de clubes e sítios, ele implica em um culto a Deus.

Quando afirmamos acima o encaminhamento para o cuidado pastoral não estamos falando necessariamente do cuidado do pastor da igreja. Novos convertidos após batizado devem ser direcionados a grupos de pessoas semelhantes para que o cuidado tenha início. De modo geral, muitas igrejas não terminam este processo de inclusão do novo crente na igreja mostrando que ele terá cuidados pastorais e



responsabilidade com parte importante da igreja que lhe corresponda. Nisto é que temos, por exemplo, a importância das células, dos pequenos grupos ou dos grupos familiares. Ali a pessoa é identificada como parte do corpo, onde terá as primeiras oportunidades de manifestar e usar os seus dons, onde também suas dificuldades serão identificadas e tratadas.

Cada igreja e cada pastor ou líder tem uma forma de identificar e realizar esta inclusão por meio do cuidado dos novos convertido. O que temos por certo é que deve se feita e quem muito negligenciamos esta necessidade. Os porquês disto estão narrados em outras partes deste texto (despreparado da liderança, agenda secularizada, igrejas muito voltadas para eventos, dificuldades impostas pelo tempo e distancias em cidades grandes, desinteresse e resistência do novo convertido, etc.).

1.2.7. Discipulado não é coaching

O coaching está na moda. Muitas pessoas atestam a validade e necessidade do coaching para muitas coisas: educação e organização financeira, perda de peso, preparo para entrevistas e concursos, controle da ansiedade, etc. O trabalho como coaching tem se tornado, também, uma opção de emprego para muitas pessoas. Como em todas as áreas, há profissionais sérios que são psicólogos, administradores de empresa, entre outros profissionais, fazendo um trabalho consistente e sério, mas também há os despreparados, mal intencionados e aproveitadores. Já recebi ofertas de coaching para pastores que querem aumentar as contribuições dos crentes da igreja, ensinando como aumentar o número de participantes, etc., e isto não pode ser levado à sério. É possível que em breve teremos isto voltado para que as pessoas sejam mais cristãs e melhores discípulos também. Mas a que se propõe o coaching e como compará-lo com discipulado? Vejamos algumas definições.

Para ajudar você a desenvolver seu potencial infinito e conquistar resultados extraordinários em sua vida pessoal e profissional. Coach é um profissional especializado em Coaching, e o responsável por ajudar você em seu processo de autoconhecimento, empoderamento e no alcance de sucesso. A profissão está em alta no Brasil e ganha, a cada dia, mais membros e simpatizantes. O processo de Coaching é tão rico que ao



mesmo tempo em que o profissional oferece o seus conhecimentos e experiências ao cliente, denominado coachee, ele também tem a possibilidade de crescer e aprender com as experiências compartilhadas por ele. Para entender ainda melhor para que serve o coach, imagine que você deseja alcançar uma promoção do trabalho ou melhorar a qualidade de seus relacionamentos pessoais, mas não sabe como fazer isso ou por onde começar. O coach é aquela pessoa que ajudará você a se conhecer melhor, a visualizar seus pontos fortes e potencializá-los, como também a melhorar e eliminar aspectos de seus comportamentos e pensamentos, que limitam à conquista efetiva de suas metas e objetivos. O coach é aquele profissional que ajuda você a sair do estado atual e alcançar seu estado desejado. Por meio de técnicas, ferramentas e estratégias do Coaching, ele oferece a possibilidade real de você conquistar seus resultados de forma rápida, efetiva e planejada. Para isso, trabalha em conjunto com o cliente, no desenvolvimento contínuo de suas habilidades técnicas, emocionais e comportamentais, de modo que estas lhe deem o suporte necessário ao seu crescimento profissional e pessoal. Este empoderamento traz benefícios importantes, como: aumento da autoconfiança e autoestima, melhoria nos relacionamentos afetivos e interpessoais, melhoria na comunicação verbal e escrita, maximização das competências de liderança, melhor gestão do tempo e expansão da visão estratégica e de mundo. Existem coaches trabalhando nas mais variadas áreas (Saúde, Esportes, Artes, Pessoal, Profissional, Carreira, Executiva...). Por isso, ao escolher um coach para atendê-lo, é importante verificar qual o foco de seu trabalho, para deste modo, poder alinhá-lo mais assertivamente aos seus objetivos. Outra dica importante, ao contratar este profissional, é sempre buscar suas referências e conhecer e avaliar previamente suas experiências. Isso inclui saber se ele é realmente formado e certificado por uma escola idônea, como o Instituto Brasileiro de Coaching – IBC, referência na formação de coaches no Brasil e no mundo. Estes cuidados são essenciais, pois com o crescimento do Coaching no Brasil, existe uma pequena parcela de pessoas que se autointilham coaches, sem nem mesmo terem feito uma formação. Por isso, aproveite melhor seu processo e contrate um coach com boas referências, pois só assim, com um acompanhamento verdadeiramente especializado, os seus resultados poderão ser realmente extraordinários. E mais, se você também quer se tornar um coach certificado e habilitado, faça a melhor formação do Brasil. Faça o Professional & Self Coaching – PSC, o curso dos coaches de alta performance!¹³

Outra definição:

Mesmo com o crescimento do mercado de Coaching no Brasil, muitas pessoas ainda têm dúvidas sobre o que é e para que realmente serve. Terapia? Autoajuda? Consultoria? Apesar de não ter relação com nenhuma dessas alternativas anteriores, muita gente fica confusa ao tentar entender ou explicar a sua real função. “O Coaching é um método para o alcance de objetivos com foco no futuro, a partir de ações bem planejadas no presente. O coach (profissional que aplica o Coaching) não dá opinião, não julga os valores e objetivos e não interfere em nenhuma ação do coachee (cliente que contrata o processo de Coaching)”, explica a Coach Ghislaine Sandri, diretora da Future-se e membro da Sociedade Brasileira de Coaching. Mas como isso é possível? O ser humano, de um modo geral, está acostumado

¹³ <http://www.jrmcoaching.com.br/blog/para-que-serve-o-coach/>



a receber opiniões e conselhos antes de tomar decisões. “Somos assim. Gostamos e precisamos compartilhar dúvidas e sentimentos com outras pessoas! Mas, ao nos responsabilizarmos pelas próprias ações, somos levados a um grau maior de maturidade e, com isso, alcançamos aprendizados e aumentamos nossa performance ao longo da vida”, conta a profissional. Para facilitar o entendimento, Ghislaine destaca alguns pontos essenciais que respondem “para quem é o Coaching?”

- Coaching é para quem quer mudança de vida.
- É para quem deseja se desenvolver pessoal e/ou profissionalmente.
- É para quem busca bem estar.
- Para pessoas que desejam alcançar seus objetivos, sejam eles de curto, médio ou longo prazo.
- É para aqueles que acreditam que uma parceria profissional pode ajudar.

Em síntese, o Coaching é um processo com início, meio e fim, que acontece geralmente entre dez e doze sessões. Nelas, ferramentas cientificamente validadas são aplicadas ao coachee, com o intuito de alcançar suas metas e objetivos. No processo, o coach trabalha as três principais bases da metodologia: foco no futuro, não julgamento e ação. “Mesmo que o cliente chegue sem um objetivo definido, há ferramentas que auxiliam na descoberta e planejamento. Todas as sessões são conduzidas de modo que não interferem ou julguem os objetivos de cada coachee. Além disso, o cliente é levado a entrar em ação”, diz Sandri. Contudo, é importante que o cliente esteja disposto e aberto à mudança, já que o processo requer, além de investimento, responsabilidade e comprometimento durante todas as sessões. Ao permitir a mudança de padrões mentais, o horizonte de possibilidades se amplia, resultando em alta performance, conquistas reais e qualidade de vida¹⁴.

Ainda outra definição:

Afinal, para que serve o Coaching em empresas?

Tags: Amadurecimento Emocional, Coaching, Coaching online, Relacionamento Interpessoal

Há quanto tempo você espera uma “entrega ousada” dos seus funcionários em suas funções? O quanto trabalham por real paixão? O Coaching é a ferramenta mais utilizada no desenvolvimento profissional, um processo eficaz que traz resultados garantidos para a organização e também para o indivíduo que está inserido no processo. Durante o Coaching trabalha-se as habilidades do colaborador para que ele atinja os objetivos da empresa, criando consciência, produzindo motivação, revelando e aprimorando talentos e desempenho. Durante o processo, o Coach trabalha com quatro premissas:

- Metas
- Ações
- Resultados
- Visão Estratégica

¹⁴ <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/coaching-afinal-o-que-e-e-para-que-serve-shtml/>



Após reunião com o responsável são definidas as metas e objetivos, levando em consideração o planejamento estratégico da empresa, baseado na visão, missão e valores da empresa. Depois são consideradas as pessoas que participarão do processo do coaching, onde é fundamental a participação do gestor, bem como do RH. O profissional do Coaching é fundamental para desenvolver metas, definir plano de ação exigido, desenvolver habilidades necessárias, fazer avaliação comportamental, aumentar sua produtividade, gerar autoconhecimento, dar apoio e desafiar, dar feedback, oferecer outros pontos de vista, ressaltando ainda que há total confidencialidade entre os participantes. Quais são os impactos que o processo de Coaching proporciona ao colaborador e a empresa?

- Alta performance
- Desenvolvimento de equipe
- Aprendizado contínuo
- Relacionamento interpessoal
- Amadurecimento emocional
- Qualidade de vida
- Melhor administração de tempo
- Criatividade aguçada
- Descoberta de novos talentos e competências
- Respostas mais ágeis
- Aceitação do novo
- Resiliência
- Motivação
- Capacidade de realização
- Desenvolvimento pessoal e profissional
- Mudança de cultura

Importante lembrar que, as pessoas não fazem somente parte da vida produtiva das organizações, elas constituem o princípio essencial de sua dinâmica, conferem vitalidade às atividades e processos, inovam, criam e recriam contextos e situações e podem levar a organização a posicionar-se de maneira efetiva, cooperativa e diferenciada com clientes, outras organizações, e no ambiente de negócios em geral. Todo gestor faz parte do negócio, porém são as pessoas que fazem a diferença. Sem elas, não existe lucro! Então, o que está esperando para potencializar toda sua equipe com o processo de coaching?¹⁵

O coaching, como nós podemos ver pelas definições acima, não é um processo que avalia valores ou os leva em consideração. Por exemplo, um profissional pode querer galgar degraus em sua empresa por motivos diversos: aumento de ganhos financeiros, compensações emocionais e psicológicas, por disputas internas dentro da empresa, entre tantos motivos justos, injustos, possíveis e impossíveis, etc. quando servimos a Cristo, nossas intenções e os valores que estamos construindo estão sempre em consideração. Lembre-se, por exemplo, do desejo do Simão, o mágico, que quis comprar poder por meio do dinheiro e foi duramente repreendido pelos apóstolos.

¹⁵ <http://carlamastercoach.com/afinal-para-que-serve-coaching-em-empresas/>



O coaching é destinado para áreas específicas e não abrange a vida como um todo. As definições acima chegam a afirmar que apenas determinadas áreas podem ser cobertas pelo coaching. O discipulado não diz respeito apenas a vida espiritual, ou ao serviço que se faz na igreja ou em relação a evangelização ou missões. Ele abrange tudo, inclusive a vida pós-morte já que prepara o crente para o encontro com Cristo.

O coaching está focado em alta performance e na obtenção rápida e programada de ganhos e recompensas. Nenhum coaching dirá que o sucesso de sua empreitada é incerto. Quando lemos, por exemplo, Hebreus 11.39 que diz que "todos estes receberam bom testemunho por meio da fé; no entanto, nenhum deles recebeu o que havia sido prometido" se referindo aos mais notáveis homens e mulheres do povo de Deus cujas vidas constam das Escrituras. Note bem: nenhum deles recebeu o que havia prometido. A vida cristã está mais ligada ao relacionamento com Deus, a uma fé verdadeira e consistente em Cristo do que, necessariamente, com a obtenção de ganhos sejam eles quais forem. Lembremos que a Palavra de Deus combate fortemente àqueles que pastoreiam e cuidam do povo de Deus tendo os ganhos como prioridade.

Para os adeptos do coaching o futuro é aqui e tem a ver com ganhos pessoais. Para o discipulado a vida é aqui, mas contempla a eternidade na qual obterá os seus ganhos. Não apenas o coaching, mas outras áreas do saber humano, como a política, sob certos aspectos falha no mesmo espectro: uma espécie de escatologia realizada, na qual os esforços humanos serão suficientes para implantar um paraíso na terra, ou pelo menos, como no caso do coaching, de uma forma de paraíso pessoal. E nisto temos outra diferença importante: o coaching não contempla, pelo menos em sua maioria e em sua essência, o espírito de grupo, de comunidade, de família, e muito menos de corpo de Cristo e de igreja. Quando falamos de dons espirituais, por exemplo, vemos claramente que o ensino apostólico aponta para o uso com o propósito de edificação do corpo. Os dons nunca devem ser usados em benefício do seu portador, mas da igreja e do Reino de Deus.



Talvez o coaching possa nos trazer alguns exemplos positivos como o foco nas necessidades; o estabelecimento de um programa organizado, supervisionado e sob constante avaliação, e com objetivos específicos.

O discipulado não pode ser feito sem o claro objetivo de levar crentes à estatura de Cristo como Paulo ensina em Efésios 4. Como necessidade, as igrejas, muito mais voltadas a programas e acompanhar os modismo a sua volta, carecem de uma avaliação profunda e sincera das necessidades da igreja e da localidade onde está plantada, tendo em mente claro foco no serviço, o conhecimento bíblico e teológico, inclui o reconhecimento e uso dos dons.

O discipulado em nosso tempo carece de um programa organizado e, portanto, intencional e claramente delineado. As nossas Escolas Bíblicas, cada vez mais raras, mas entendidas neste trabalho como parte essencial do complexo circuito de formação de crentes, nem sempre acompanha um programa onde os níveis de dificuldades e a revisão mais profunda de conteúdo faça parte do sistema de ensino da igreja. A identificação de dons, amplamente divulgada e realizada cerca de 20 anos atrás em igrejas batistas de várias regiões do País, como produto da Rede Ministerial e outros programas posteriores com foco na formação de crentes, careceu a inclusão destas pessoas na igreja local para uso e desenvolvimento destes mesmos dons.

Somos resistentes à avaliação e autoexame, ainda que isto nos seja exigido constantemente quando celebramos a Ceia do Senhor. O próprio estabelecimento de critérios de avaliação é complexo, mas Jesus, por exemplo, não se furtou a elas. Avaliação cristã esta relacionada ao que diz a Palavra de Deus e ao exemplo de Cristo.

1.3. Pressões contemporâneas contra um discipulado efetivo

A partir daqui vamos tentar elaborar uma pequena lista de situações, pressões e demandas contemporâneas que vão contra a efetividade do discipulado. Algumas apontam que o discipulado está fora da agenda ou programa da igreja, mostram que



a igreja se deixa levar pelos conceitos mundanos e seculares e que, a falta de foco em sua missão causa tais distorções.

Se o evangelho chegou até nós no século XXI, devemos dar o crédito aos inumeráveis discípulos que, no decorrer dos séculos, arduamente batalharam por ele e, conseqüentemente, pelo discipulado. Vamos procurar mostrar alguns empecilhos gerais a esse processo de discipulado na Igreja, que a tem impedido de caminhar mais fortemente em prol da igreja e do próprio Senhor.

1.3.1. A perigosa necessidade de responder apenas às demandas atuais

“Não podemos produzir discípulos em massa; em vez disso, temos que concentrar esforços em alguns poucos” – Estevão A. Santos.¹⁶

Já afirmamos diversas vezes que é impossível estabelecer uma descrição que seja capaz de abarcar minimamente a descrição de uma denominação cristã evangélica no Brasil, quanto mais do povo evangélico em geral. Esta impossibilidade tem ainda outras implicações dentro da nossa temática. Uma delas é que as demandas que nossa sociedade, assim como nossas igrejas, tem muitas vezes se impõem em nossa agenda.

A igreja não pode ser apenas reativa, mas ativa e deve procurar, em certo sentido, ocupar certa vanguarda¹⁷. Do ponto de vista ideológico temos diversos desafios que se colocam de *cima para baixo*, ou seja, da sociedade se impondo sobre uma igreja acuada. A secularização da igreja e dos crentes, por exemplo, leva com que a igreja, quase que naturalmente e instintivamente, seja obrigada a incluir em sua agenda de debates e prioridades assuntos que lhe podem ser caros, ainda que não o sejam primariamente. Entre estas temáticas temos a ideologia de gênero, a polarização política entre esquerda e direita, o desarmamento da população, e questões relativas ao aborto, a liberação do uso de drogas, etc.

¹⁶ Ver em <https://estevaoasantos.wordpress.com/2015/06/20/estrategias-ao-discipulado/>.

¹⁷ O uso da palavra vanguarda aqui tem o como proposito afirmar que a igreja não pode apenas reagir que lhe é imposto, mas deve estar à frente de suas próprias demandas.



Outra demanda tem relação ao crescimento da igreja em vários aspectos. Existe uma glamourização de igrejas de grande porte, luxuosas, influentes, modernas, com comunicação com linguagem jovem e atualizada, etc. Se por um lado, cada igreja procura *anunciar seus princípios particulares* como o intuito de levar mais pessoas à verdade, não podemos ignorar o fato de que há uma verdadeira disputa por fiéis e que implica, necessariamente, no aumento de entradas e possibilidades de tomada de mais espaço público e midiático.

A questão aqui é que, apenas respondendo às demandas atuais, podemos perder o foco na pregação do Evangelho, na tarefa missionária, no cuidado dos novos crentes e até mesmo o foco na adoração.

Por um lado, igrejas podem se tornar centros de debates intelectualizados sobre assuntos contemporâneos relevantes, mas que atendem um público cada vez mais seletivo, desviando o propósito mais amplo da igreja. Por outro lado, no afã de conquistar membros, uma sedução por grandeza típica da natureza humana e dos nossos tempos, a igreja pode se tornar um grande centro comercial e os discípulos vendedores de ideias particulares de uma denominação.

Tratar de temáticas contemporâneas e ter preocupação com o crescimento da igreja são atitudes desejáveis e saudáveis, mas não podem ocupar o topo e nem o centro da missão da igreja. Provavelmente cumprimento da missão essencial da igreja seja a melhor forma de confrontar a cosmovisão mundial que tenta encurralá-la em contra a parede.

1.3.2. O perigo constante da relevância

Ser relevante é uma preocupação justa para igrejas e para crentes. Ser relevante significa ser importante, necessário ou decisivo para alguém. Uma das perguntas que várias vezes ouvi sendo feitas é: "se sua igreja fechar ou for retirada do bairro, para quem ela fará falta?" - é uma pergunta sobre relevância.

A plantação do PEPE, antigamente Programa de Educação Pré-Escolar, mas que e devido as mudanças na legislação brasileira, tornou-se uma marca e um projeto apenas para contra-turno de crianças em fase pré-escolar, é um exemplo sadio da



necessidade de que a igreja e os discípulos procurem relevância em suas vidas e ministérios.

O PEPE nasceu em meados da década de 1990, no bairro do Jardim Olinda, na zona sul da cidade de São Paulo, uma região muito carente. O missionário Stuart Cristine estudava como elaborar um trabalho de evangelização na região. Em seu trabalho de pesquisa e conversas com populares foi questionado por uma moradora nos seguintes termos: "você são daqueles que vem para pedir o nosso dinheiro, ou vão fazer algo para nós?" Segundo o Pr. Stuart, aquela pergunta o incomodou e o pôs a pensar. Ele percebeu a necessidade de alfabetização das crianças e associou este trabalho com a evangelização e contato evangelístico com as famílias. Trabalhei no trabalho de pesquisa para o primeiro PEPE quando ainda era seminarista e coloquei aquele trabalho como uma das metas do meu ministério assim que fosse ordenado pastor.

No ano de 2001, já ordenado pastor há algum tempo, implantava com uma equipe da igreja o PEPE no bairro do Jardim Iporã, conhecido como PEJI (projeto educativo Jardim Iporã) que funciona até hoje. Mudanças na legislação educacional brasileira reduziram a idade de entrada na escola de sete para seis anos, aumentaram em um ano o tempo total do ensino fundamental, antes de oito anos, mas agora nove, e proibiram qualquer trabalho de alfabetização fora das escolas cuidadas pelo Mec. Isto obrigou que o PEPE deixasse de ser uma sigla com as palavras pré-escolar, tornou-se apenas uma marca e que funcionasse como um projeto de socialização e de contraturno escolar. Este é um exemplo em que a necessidade da relevância trabalhou a favor do Evangelho e não o contrário.

Alcançar jovens é um desafio importante para qualquer igreja. Deve ser levado em consideração. No entanto, os jovens podem demandar coisas contrárias, ambíguas, inconsistentes ou incoerentes com a missão da igreja. É certo que cada igreja, cada pastor, cada crente tem sua visão do que é importante ou válido para atrair pessoas, mas não ao custo da mensagem evangélica, da saúde espiritual da igreja e do bom senso.



Temos que nos cuidar contra o complexo messiânico, aquele em que nos consideramos fundamentais para as pessoas , para o bairro, para o mundo, já que este poder ser o perfil de igrejas e líderes despóticos, controladores e opressores, mas também não podemos nos esconder das necessidades e do chamado de Cristo para solução de problemas e protagonismo de crentes e igrejas. É sempre sadio questionar se as questões em jogo fazem parte da missão da igreja, se comprometerão sua essência e seu chamado e quais podem ser os ganhos e perdas em cada questão.

A igreja pode questionar a relevância de ter uma biblioteca pública em suas dependências, de ter atendimento social, pode questionar abrigar o AA ou outras instituições que trabalham questões de vícios e dependência química ou psicológica, o uso das dependências para uso dos postos de saúde do bairro, etc. Não pode abandonar a educação cristã, o cuidado de seus membros, a manutenção de seus cultos, o crescimento bíblico e teológico de lideranças que galgam níveis mais elevados de conhecimento etc. Todos os elementos da lista no início do parágrafo fizeram parte da igreja onde exerci meu primeiro pastorado. No entanto, eram secundárias e condicionadas à segunda parte neste mesmo parágrafo.

O mundo atual tem muitas demandas que perseguem a humanidade há tempos e necessidades novas. A pobreza e outras questões sociais nos assustam e pressionam, como a violência e as drogas, tão disseminadas e tão exploradas. Há demandas novas como as implicações dos relacionamentos digitais, que abordaremos adiante. Precisamos nos convencer que nem todos os problemas são para a igreja, assim como há assuntos que são apenas para a igreja como pregar o Evangelho, fazer missões e discipular. A relevância deve andar de mãos dadas com a missão principal e essencial da igreja como consequência dela e não como meta ou alvo principal. O discípulo e a igreja são relevantes quando cumprem sua missão.

1.3.3. A espiritualidade atual não contempla o sacrifício e a obediência

Em certo sentido a espiritualidade de nosso tempo tornou-se uma finalidade em si mesma. Em muitos casos ela é simplesmente substituída pela possibilidade de um



autocontrole e bem-estar emocional para a conquista de objetivos. Diferentemente do que aconteceu nos primeiros séculos do cristianismo, principalmente antes da oficialização do cristianismo como religião do Império Romano, os cristãos buscam na religião e na espiritualidade uma fonte de segurança, conforto, previsibilidade e controle. Seu estilo de vida passou a reproduzir os hábitos da sociedade, o que já convenciamos chamar de secularismo. Forte comodismo aliado a altas doses de cinismo fazem de *parcela considerável* dos cristãos de hoje com pessoas acomodadas e irrelevantes, que pouco ou nada influenciam a sociedade.

A espiritualidade só é possível porque o homem, conforme criado por Deus como narrado em Gênesis 1 e 2, foi feito de tal forma a ter contato com as realidades espirituais divinas e como forma de reconhecer a si mesmo a aos seus semelhantes. A Palavra de Deus nos ensina em Gênesis 3 que muitos prejuízos que o homem teve como resultado do pecado original dizem respeito a sua espiritualidade, ou seja, perda de comunhão com Deus e com os outros homens. Grandes desordens relacionais estão presentes na humanidade desde então. A maior delas, sem dúvida alguma, é a negativa consciente da própria existência de Deus, ou seja, a situação espiritual do homem é tão degradada e tão profunda que ele é capaz de negar a existência de Deus e construir longas argumentações em torno desta ideia, ou fazer como muitos fazem, simplesmente ignorar esta realidade e nem sequer questioná-la.

Outra parte fundamental desta realidade é o conhecimento e o reconhecimento de que o homem tem uma parte imaterial de sua constituição, que alguns podem chamar de alma ou espírito e que muitos procuram diferenciar uma da outra. Os primeiros, que usam alma e espírito como descrições diversas da mesma parte imaterial, são conhecidos como dicotomistas (corpo + alma). Os que dizem que nossa parte imaterial é composta por duas partes distintas são chamados de tricotomistas (corpo + alma + espírito)¹⁸. Havendo ainda os holistas, que afirmam que o homem é uma unidade indivisível.

¹⁸ Esta discussão a respeito da dicotomia e da tricotomia é longa, mas pode ser muito proveitosa. Não é proposto aqui alongar a respeito deste assunto. Em Gênesis 2.7 vemos que Deus fez o homem do



O fracasso humano, por causa do pecado, é generalizado, ou seja, o homem está dividido em si mesmo, em conflito com seus semelhantes e distante de Deus. Precisa de Cristo para que seja salvo e, ao nascer de novo, passe por um processo de transformação.

A percepção de que há algo errado com o homem é universal. A solução nem tanto. Mas crescem as tentativas de modificar esta condição. Curiosamente, mesmo muitos que negam a necessidade da religião e até mesmo a existência de Deus, admitem que o homem é constituído por uma parte imaterial. A psicanálise que, segundo a maioria das suas correntes é avessa à religião, admite a existência da psique, ou seja, das instâncias psíquicas dividida em diversas áreas e até de camadas que se sobrepõe. Segundo a psicanálise estas camadas são responsáveis por diferentes princípios entre os quais se destacam o do prazer e o do dever, são os famosos Id, Ego e Superego.

Hoje em dia, como vemos, quando se fala de espiritualidade, é necessário conhecer o interlocutor para que se saiba do que se trata. É possível que o termo seja usado por um ateu. É possível que o termo seja usado por um religioso, mas se conotação de ligação com Deus. É possível que seja usado por um profissional que procurar estabelecer equilíbrio e melhor desempenho de outros profissionais e de ambientes corporativos. Por isto é possível encontrar pessoas e empresas especializadas ou em busca de uma espiritualidade que desenvolva relacionamentos humanos. Veja o que diz uma revista:

pó da terra (parte material do homem) e soprou nas narinas seu espírito (parte imaterial) e fez do homem um ser vivente. A Septuaginta traduziu a expressão nephesh (alma vivente) por psiquê, depois que Deus soprou o fôlego da vida por (nimat do hebraico). A grande confusão está no Novo Testamento quando Paulo usa corpo, alma e espírito para descrever o homem como em 1 Tessalonicenses 5.23, e muitos interpretam a figura de linguagem que procura descrever de forma mais incisiva a natureza humana como tricotômica. Nem sequer temos a percepção de sermos compostos de três partes distintas. Muitos, reforçando o erro, afirmam que esta linguagem diz respeito à presença do Espírito Santo após a conversão, mas erram por não compreender que o Espírito Santo estando em nós, ainda não é parte e nós e não nos constitui. Alguns ainda defendem a ideia a posição holística na qual o homem é visto como uma unidade indivisível, mas parece contradizer o fato de que **somos pó e voltamos à terra e o espírito para Deus que o deu** (Eclesiastes 12.7).



RH.COM.BR (Revista RH Brasil)¹⁹ - O que podemos chamar de espiritualidade corporativa?

Robson Santarém (o entrevistado) - Primeiramente, considero importante dizer o que entendo por espiritualidade. Podemos dizer que é um modo de olhar a si mesmo e a vida, além de nos ajuda a viver melhor. Este modo de ser deriva da consciência que nós temos da presença do Sagrado em nossa vida. A vida é uma totalidade, embora apresente manifestações distintas não significa que tenha que ser compartimentada em setores estanques. Deste modo não se pode separar a vida espiritual da totalidade da vida humana, que acontece essencialmente nas relações sociais. Deste modo, a espiritualidade nas empresas refere-se em primeiro lugar ao respeito à vida. Isto significa considerar o ser humano na sua totalidade, respeitando e investindo em todas as suas dimensões: física, intelectual, emocional e espiritual; criando uma cultura corporativa sustentada em valores, fazendo com que a ética e os valores humanos universais e espirituais iluminem as decisões, as estratégias, as políticas e todos os relacionamentos da organização.

Perceba que nestas respostas não aparecem as palavras Deus e religião, mas a espiritualidade como parte expressiva da realidade e que precisa de reconhecimento e cuidado. A continuidade da leitura do texto mostrará que o que o entrevistado pretende é superar as barreiras que existem e que são impostas pelo corpo aprofundando as relações.

Outros ainda interpretam a espiritualidade como uma forma de entrar em contato consigo mesmo, à moda de muitas expressões religiosas orientais. O livro de Márcio Pelegrini trata desta jornada de autoconhecimento sem religião.

Esta dicotomia é própria do nosso tempo. Os elementos constitutivos da realidade são divididos, divididos e mais uma vez divididos. Não se separa a espiritualidade de alguma forma de religiosidade porque, ao contrário do que ensinam, ela nos remete a Deus. Muitos cristãos podem ser tentados a dividir a realidade assim também. Vivendo e trabalhando em ambientes secularizados e avessos à religião, os riscos são inversamente proporcionais: quanto mais espiritualizados (neste sentido) mais distantes de Deus.

O discipulado deve apontar na direção de um maior relacionamento com Deus, com o outro e consigo mesmo. Esta estrutura nos é dada pelo resumo dos mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

¹⁹ <http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Entrevista/4022/espiritualidade-corporativa-vencendo-a-barreira-fisica.html>



Outra nota, e que intitula esta divisão do texto, é que esta nova espiritualidade não contempla a obediência e nem o sacrifício. Ela, como quase tudo que diz respeito ao homem contemporâneo, é hedonista, narcisista e antropocêntrico, palavras que podem, em muitos momentos, serem usadas de forma intercambiável.

O sacrifício e a obediência, sobretudo nas igrejas voltadas para a Teologia da Cura e da Prosperidade, estão focados na entrega quase voluntária de valores financeiros. Nem mesmo nas igrejas e ambientes históricos e mais conservadores, o sacrifício e a obediência a Cristo não constam mais dos sermões, das conversas e das atitudes esperadas dos crentes. Estamos entregue à busca pelos prazeres.

1.3.4. A sedução da vida moderna e a secularização da vida cristã

A secularização é um dos grandes empecilhos para a vida contemporânea. Um embaraço difícil de ser desfeito. Ele envolve questões de natureza cultural, espiritual e históricas muito importantes²⁰.

A secularização é um problema moral e ético haja vista que estabelece este mundo como padrão ético e moral. A consequência natural disto é um esvaziamento da mensagem evangélica e, ao lado do liberalismo teológico, também descristianiza o cristianismo porque ignora a Bíblia como Palavra de Deus, despreza a tradição, subjetiva a experiência e exacerba a razão. A religião na secularização é um bem civil e particular atrelado à vida terrena e que se opõe religião profética que por sua vez coloca todas as esperanças do homem no aqui agora, ou seja, o céu do homem secularizado é aqui.

O homem secularizado vive em busca de sucesso, e sua igreja nunca está a serviço dos perdidos e necessitados, mas atende aos desejos e ditames de seus clientes. O crente secularizado é um expectador passivo que pouco ou nada contribui com o Reino. A igreja secularizada é elitista e com pouco senso de comunidade. Com tais níveis de exigência, é natural que haja profissionalização da fé e da igreja. São atores bem pagos e que devem corresponder aos seus salários.

²⁰ Para uma melhor compreensão indicamos a leitura integral do texto:

https://pastorjuniormartins.weebly.com/uploads/8/0/3/4/80343924/f%C3%89_integral.pdf.



Sem o amor verdadeiro, são comunidades com sérias crises de comunhão e a própria fé é um item nesta economia de mercado. A preocupação consigo mesmo se opõe ao auto sacrifício esperado de um discípulo de Cristo. Há constatação de competição e pouca cooperação, divisão é mais comum que o desejo e trabalho pela unidade da igreja.

O consumismo, que caracteriza a secularização, tem entrado em toda a sociedade e, infelizmente, na vida da igreja, fazendo com que o dinheiro e o tempo sejam investidos prioritariamente no entretenimento e no lazer, do qual o próprio culto é parte. Há pouco tempo para leitura, oração, culto doméstico e, conseqüentemente para a preocupação e envolvimento com o discipulado.

A falta de prática daquilo que se ouve e aprende, causa aquilo que o pastor Rubens Amorese chama de obesidade espiritual que alimenta a cultura da autoestima. Já somos uma geração que produz poucos pastores, poucos missionários e até mesmo poucos crentes realmente consagrados.

1.3.5. A virtualização dos relacionamentos e a igreja digitalizada

Ninguém em sã consciência é capaz de afirmar que os avanços da tecnologia da informação têm sido fundamentais por diversos motivos. Ambigüamente ao que vamos tratar aqui, promoveu o maior contato e uma velocidade muito maior do contato entre as pessoas. Além deste rápido contato, as pessoas são capazes de se comunicar com grupos muito grandes ao mesmo tempo, unidos por interesses, vocações, etc. Dissemina rapidamente informações, mas tem seus perigos também. Com isto é possível dinamizar ações, reduzir custos e perdas, otimizar decisões, etc. As vantagens são inúmeras. Infelizmente, também, tal fluxo de informações pode ser um ambiente propício, como de fato o é, para disseminação de notícias falsas e tendenciosas, cujo conteúdo nem sempre é de fácil verificação. Isto sem falar de que o ambiente digital é também sujeito a informação de baixa qualidade e para todo o tipo de gosto, incluindo gostos bizarros. Neste sentido, algumas redes sociais tentam limitar a inclusão de vídeos e conteúdo violento, pornográfico, etc., mas nem sempre com sucesso.



Com o livre acesso a informação de alta velocidade funcionando em um ambiente aberto como a Internet, a comunicação rápida e instantânea nas variadas interfaces à nossa disposição (PCs, laptops, tabletes, smartphones, smartvts, etc.), funcionam como uma porta sempre aberta a toda forma de pecado. As redes sociais, como um importante subproduto da tecnologia merece da mesma forma tanto elogios quanto críticas. Cresce a preocupação e os debates a cerca da necessidade de algum tipo de controle e de punições previstas em leis para os chamados crimes cibernéticos ou cibercrimes.

As igrejas estão presentes no mundo digital com sites, canais de vídeos e fazendo transmissão ao vivo de suas atividades e cultos. Os crentes individualmente também participam ativamente das redes sociais. É possível acessar conteúdo bíblico, pregações, acesso ao vivo de congressos, conversar com pessoas com as quais jamais nos encontraremos pessoalmente, por meio de um simples celular conectado à Internet. Assim também, é possível aconselhar, orar, orientar pessoas pelos mesmos dispositivos. Todas estas formas de expandir e cuidar do rebanho de Deus são válidas e, se usadas com sabedoria, são muito úteis, mas da mesma forma que apresentam vantagens, esconde alguns perigos.

Nos dias que escrevemos este texto, por exemplo, o criador e CEO do Facebook Mark Zuckerberger, compareceu no senado americano para dar satisfações pelo vazamento do conteúdo pessoal de mais de 84 milhões de usuários, sendo cerca de 400 mil no Brasil. A exposição de dados podem, sob certas circunstancias, ser adquiridos por qualquer pessoa, inclusive criminosos. Na ansiedade de compartilhar nossas vidas e o que nos acontece nas redes sociais em busca de likes, muitas vezes não nos damos conta do perigo que isto pode representar. Devemos evitar fornecer dados muitos pessoais e compartilhar sua rotina nas redes. Podemos ter problemas de privacidade (ou a falta dela): É muito difícil manter a privacidade nas redes sociais. Por mais que o perfil fique restrito a apenas amigos, ainda assim, as ações realizadas e compartilhadas pelas redes podem ser acompanhadas por muitas pessoas. Isto pode, inclusive, trazer prejuízos para a vida pessoal e profissional dos usuários.



Algumas empresas tem usado o perfil de seus usuários para tomar decisões quanto a contratação. Isto pode exigir dos usuários bom senso e mais cuidado ao compartilhar fotos e vídeos, além de textos com opiniões. O ambiente virtual tem demonstrado que as veias da população estão cada vez mais abertas em virtude de debates acirrados que podemos facilmente encontrar nestes ambientes. O ambiente virtual pode ser também uma forma de desperdiçar tempo no mundo real. Facilmente ficamos por horas a fio a frente dos computadores e celulares. Fazer *check-in* de lugares que se visita, tornou-se quase uma obrigação para muitos usuários de redes sociais.

O problema é que desta forma qualquer pessoa pode ter acesso aos lugares que você costuma frequentar, o que abre brechas para criminosos. O fato de crianças, muitas vezes com perfis falsos, à rede mundial de computadores pode ser um perigo muito grande. Cresce também o que é chamado de Fake News, ou seja, a produção e propagação de informações falsas. Em 16 de abril de 2018, foi lançado um aplicativo capaz de produzir vídeos e já nas primeiras notícias se alerta para o cuidado da produção e exposição de vídeos falsos.

